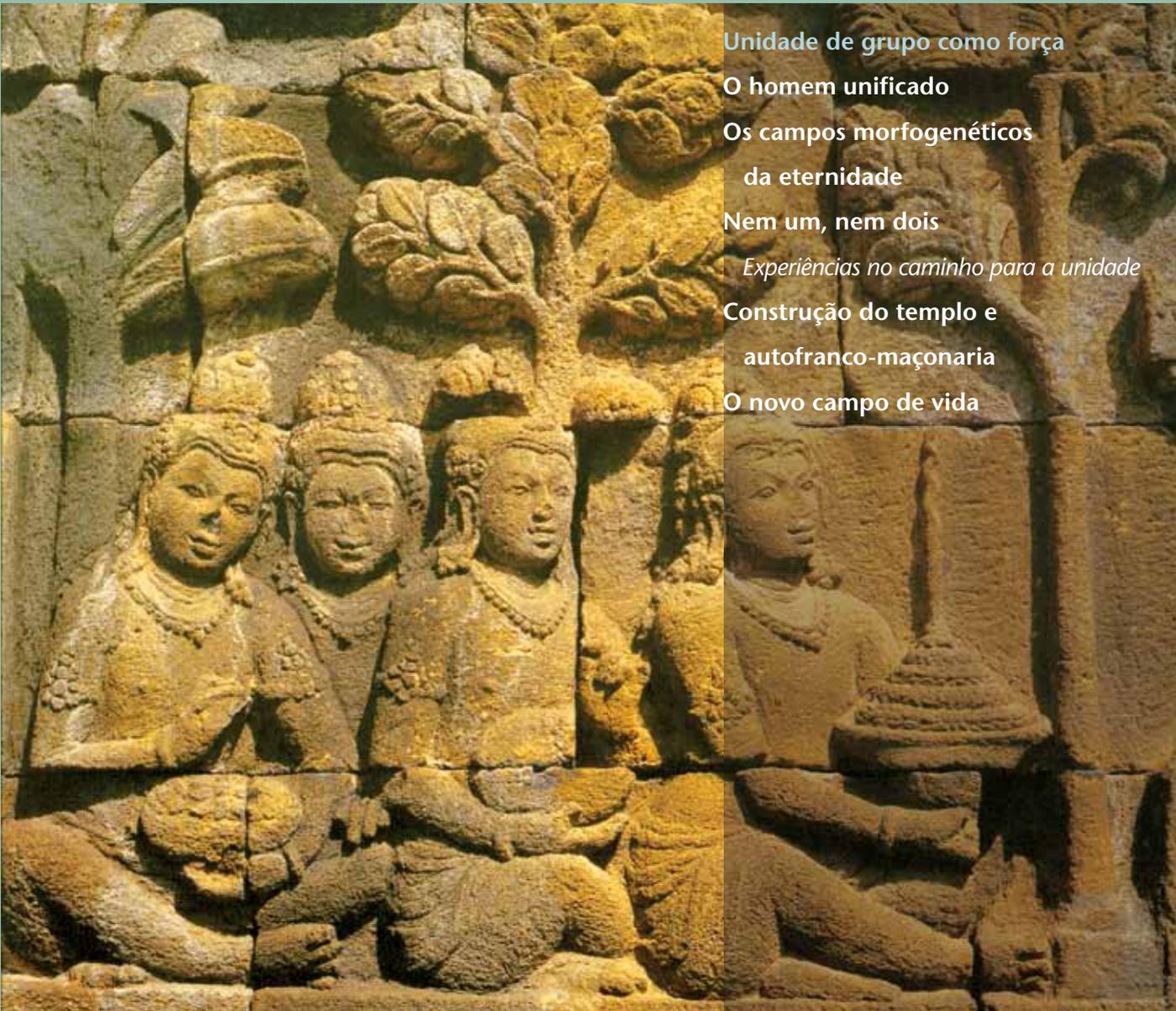




pentagrama

Lectorium Rosicrucianum



Unidade de grupo como força

O homem unificado

Os campos morfogenéticos
da eternidade

Nem um, nem dois

Experiências no caminho para a unidade

Construção do templo e
autofranco-maçonaria

O novo campo de vida

pentagrama

Editor responsável

A. H. v. d. Brul

Redação final

P. Huis

Imagens

I. W. v. d. Brul, G. P. Olsthoom

Design

Capa: Dick Letema
Interior: Ivar Hamelink

Redação

C. Bode, A. Gerrits, H. P. Knevel, G. P. Olsthom,
A. Stokman-Griever, G. Uljée, I. W. v. d. Brul

Secretaria

C. Bode, G. Uljée

Endereço da Redação

Pentagram
Maartensdijkseweg 1,
NL – 3723 MC Bilthoven, Holanda.
info@rozekruispers.com

Edição Brasileira

Editora Lectorium Rosicrucianum

Administração, assinaturas e vendas

Tel: (011) 4016-1817
Fax: (011) 4016-5638
www.editoralrc.com.br

Responsável pela Edição Brasileira

M. D. Eddé de Oliveira,

Revisão final

M. R. de Matos Moraes

Tradutores e revisores

S. Cachemaille, M. C. Zanon Costa, I. Duriaux, J. Jesus,
G. Milharcic, M. Pedroza, S. A. Pereira, A. Sader, M. S.
Sader, Y. Sanderse, U. Shmit, M. V. Mesquita de Sousa

Diagramação, capa e interior

D. B. Santos Neves

Lectorium Rosicrucianum

Sede no Brasil

Rua Sebastião Carneiro, 215, São Paulo, SP
www.lectoriumrosicrucianum.org.br
info@rosacruzarea.org.br

Sede em Portugal

Travessa das Pedras Negras, 1, 1.º, Lisboa
www.rosacruzlectorium.org
escola@rosacruzarea.org

© Stichting Rozekruis Pers

Proibida qualquer reprodução sem
autorização prévia por escrito

ISSN 1677-2253

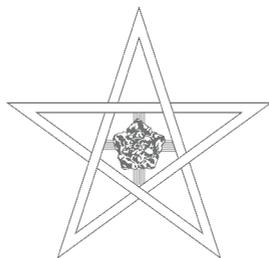


Unidade de grupo como força

Quando o Bem-aventurado revelou a verdade a seus cinco alunos, ele disse: "Quando um homem que decidiu obedecer à verdade encontra-se só, pode ocorrer que a verdade enfraqueça nele e que ele retorne aos seus antigos caminhos. Por isso, permaneçei unidos, próximos uns dos outros, e tentai fortificar-vos mutuamente. Sede irmãos uns para os outros, unidos no amor, pela vossa aspiração pura, em vosso fervor pela verdade.

Espalhai a verdade e pregai a doutrina em todas as partes do mundo, de tal modo que finalmente todos os seres se tornem cidadãos do reino da retidão e da justiça. É a santa fraternidade que, ao estabelecer a comunidade de todos, busca sua salvação no Outro."

Trecho do Evangelho de Buda.



sumário

- unidade de grupo como força 1
os campos morfogenéticos
da eternidade 3
- o mosaico áureo das almas livres 7
o homem unificado 8
- unidade de grupo: assim como é
em cima, assim é embaixo 12
- todos os homens são irmãos? 17
formação de uma nova comunidade
nem um, nem dois 22
experiências no caminho da unidade
o novo campo de vida 26
- o que foi, de novo será 31

Capa:

As magníficas cenas esculpidas de Borobudur descrevem de modo sublime o processo de manifestação de grupo. De acordo com o ensinamento universal, em diferentes momentos da construção desse templo, as forças conjuntas do sol, da lua e do cosmos ativaram-se e concentraram-se a fim de conferir-lhe uma energia especial. Essa energia é capaz de tocar o pesquisador ainda hoje.

Revista Bimestral da Escola Internacional da Rosacruz Áurea Lectorium Rosicrucianum

A revista **Pentagrama** propõe-se a atrair a atenção de seus leitores para a nova era que já se iniciou para o desenvolvimento da humanidade.

O pentagrama tem sido, através dos tempos, o símbolo do homem renascido, do novo homem. Ele é também o símbolo do Universo e de seu eterno devir, por meio do qual o plano de Deus se manifesta. Entretanto, um símbolo somente tem valor quando se torna realidade. O homem que realiza o pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, está no caminho da transfiguração.

A revista **Pentagrama** convida o leitor a operar essa revolução espiritual em seu próprio interior.



os campos morfogenéticos da eternidade

O que é um campo de força? Qual a origem desse conceito? Quais campos de força caracterizam o campo de vida dialético? Por que o campo de força da Escola Espiritual se diferencia fundamentalmente de todos os outros e como ele atua?

Um grupo ativo forma um campo de força cujos membros perseguem interesses em comum; mediante essa interação, o campo de força é reforçado. Existem, então, um grupo visível e uma energia invisível que influenciam fortemente o comportamento dos membros do grupo. A orientação do grupo, isto é, as forças para as quais seu coração se volta, determina a natureza e o nível de forças que empregam.

Os amigos reunidos na Escola Espiritual da Rosacruz Áurea têm consciência da existência de semelhante campo; eles sabem que ele se forma nos focos da Escola. Dentro desse campo de força circulam vibrações de energia superior, devido ao elevado nível de vida que essas pessoas, como amigas, almejam.

O QUE É UM CAMPO DE FORÇA? O conceito de campo de força provém da Física. Os cientistas usam esse conceito para descrever fenômenos como a gravidade e o eletromagnetismo. Um exemplo é o “campo magnético”, que é invisível, intangível e inaudível. No entanto, podemos comprovar sua existência, por exemplo, espalhando limalhas de ferro em torno de um ímã. Então a energia atuante produz um efeito determinado, o campo magnético dá às limalhas de ferro certa configuração. Sabe-se que o elemento genético de todas as células assemelha-se e que, no entanto, a forma dos membros ou dos órgãos é diferente de uma pessoa para a outra. As mesmas proteínas, os mesmos compostos químicos, aparecem sob formas muito variadas. As substâncias químicas por si só não

Aos olhos do vidente, o homem é semelhante a um ovo, constituído de milhares de vibrações que circulam a seu redor

explicam as formas, da mesma maneira que não se pode determinar a forma de uma construção analisando as pedras, a madeira ou o cimento que serviram para edificá-la. O princípio é, portanto, que os materiais de construção absolutamente não explicam a forma.

Também na Biologia o conceito de “campo” é um fato corrente. Foi nos anos 20 do século passado que os biólogos desenvolveram o conceito de campo morfogenético. Em resumo, esses campos responsáveis pela forma agiriam sobre um organismo – e mesmo sobre entidades vivas. Essa idéia parecia análoga à de um campo magnético. Supõe-se que os organismos dispõem de campos invisíveis que dirigem seu crescimento e determinam sua forma baseados em matrizes invisíveis. Sobre essa base, Rupert Sheldrake formulou a teoria segundo a qual cada ser vivo está cercado por campos de força invisíveis, de onde extraem suas energias vitais. Mas ele pensa também que existem influências recíprocas e que nos ligamos a campos de força coletivos que agem sobre nós. No presente, Erwin László, Peter Russell e outros pensadores impulsionam adiante essa idéia com as teorias relativas ao “campo” que constitui e cerca a humanidade: esse campo memorizaria as repercussões magnéticas de todas as manifestações da humanidade e determiná-las-ia de acordo com os passos que ela deveria dar.

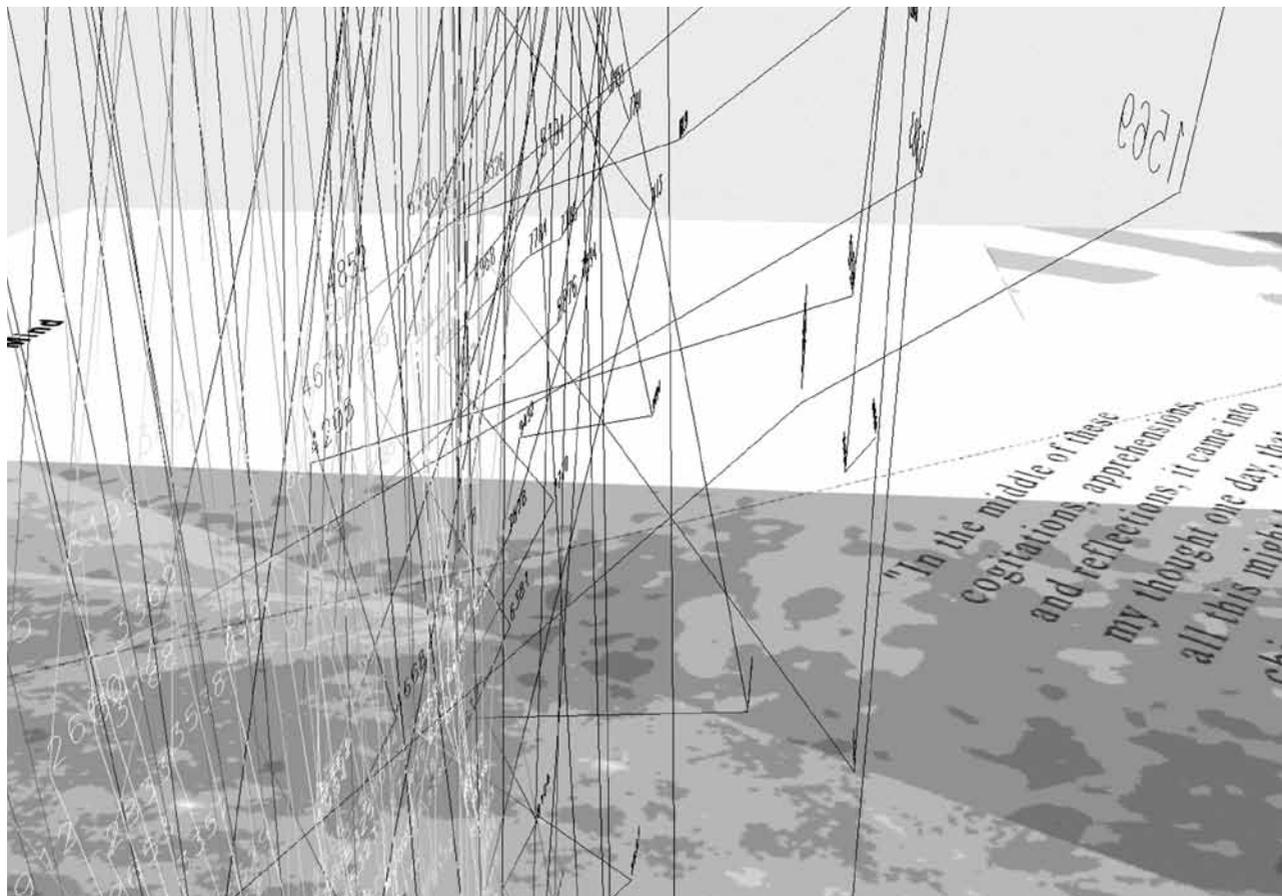
AS ENERGIAS INVISÍVEIS QUE CERCAM O SER

HUMANO Essas idéias não são novas. No esoterismo, sempre se falou dessas coisas, e clarividentes como Manuela Oetinger falam longamente sobre

isso em seus escritos. Dois exemplos independentes, provenientes de tradições diferentes da filosofia oriental e do mundo tolteca do México antigo, nos mostram claramente: “o homem possui veias chamadas ‘hitâ’, finas como um fio de cabelo, de cor branca, azul, amarela, verde e vermelha...” (Upanishads). Do lado tolteca, nos anos sessentas, o famoso Carlos Castaneda escreve em *A Roda do Tempo*¹: “Quando são vistos como campos de energia, os seres humanos aparecem como fibras de luz, como teias brancas de aranha, fios muito finos que circulam da cabeça aos pés. Assim, aos olhos do vidente, um homem parece um ovo de fibras circulantes. E seus braços e pernas são como espinhos luminosos que explodem em todas as direções. O vidente vê que todos os homens estão em contato com tudo o mais, não por suas mãos, mas por meio de um punhado de fibras compridas que saem do centro de seu abdome. Essas fibras ligam o homem a seu ambiente; mantêm seu equilíbrio; dão-lhe estabilidade”.

Hoje, a ciência simplesmente ignora esses fenômenos, que não podem ser comprovados nem reproduzidos, porém suscitam discussões. É necessário dizer que as algumas pessoas capazes de perceber e falar sobre esses fenômenos freqüentemente não são unânimes, e, na maioria dos casos, falta objetividade a suas observações. Muitos observadores, por exemplo, supõem que as forças sutis que percebem são de origem divina. Os “curandeiros” sustentam quase sempre que as forças e as energias que utilizam em seu método de cura também são divinas. Eles sentem-se profundamente ofendidos se alguém questiona sua convicção e ficam na defensiva, quando alguém tenta demonstrar que possuem apenas uma receptividade aos campos de forças naturais.

SUPRAPESSOAL Podemos agora afirmar que um campo de força exerce uma ação formadora sobre as coisas e os seres que entram em contato com ele. Uma vez que cada pessoa, cada criatura viva,



Os “campos morfogenéticos” da eternidade vivificam apenas o que pertence à eternidade, ou seja, o fogo do Espírito situado no centro de nosso microcosmo. Primeiro, eles acalmam os turbilhões eletromagnéticos do campo de respiração, do qual então emana uma energia harmônica e benéfica. Em seguida, eles restabelecem o homem de Luz original do princípio

possui seu próprio “pequeno mundo”, não é difícil compreender que campos de força semelhantes se agrupam. Quando membros de um grupo adotam uma idéia, um programa político ou uma crença religiosa, forma-se, conforme mencionado anteriormente, um campo muito potente. Existem inúmeros exemplos no mundo. E sabemos com que obstinação e fanatismo muitas dessas pessoas defendem seus pontos de vista ou os impõem com violência... Esses campos de força coletivos surgem da união dos campos pessoais e tornam-se campos de força organizados que transpõem a personalidade que os compõe. Esse fenômeno fortifica não somente a energia dos participantes, mas também sua dependência, o que, naturalmente, tem seu preço.

Os campos de força naturais agem até nas esferas mais elevadas do Além, onde podem ser encontradas sublimes representações do divino. No entanto, uma vez que tudo tem seu reflexo no Além, pode-se imaginar que lá são vivificadas e mantidas, ao mesmo tempo, as correspondentes representações opostas: um mundo infernal sombrio sob a condução de um ser diabólico.

O CAMPO DE FORÇA DE UMA ESCOLA ESPIRITUAL

Os grandes campos de força coletivos naturais do nascer, florescer e fenecer são, no ensinamento universal, o campo dos doze éons da natureza. Trata-se dos doze campos de radiação zodiacais que, cada um à sua maneira, exercem sua influência sobre o comportamento dos seres humanos. A filosofia gnóstica fala também de um “décimo terceiro éon”, cujo campo de força encontra-se fora desta natureza. É nele que se concentram as forças eternas: a luz de Cristo que cerca os buscadores da eternidade.

A Escola Espiritual moderna baseia-se no ponto de vista de que existem duas ordens de natureza



separadas, ordenadas de maneiras diferentes. De um lado, a ordem de natureza estática, imutável, a ordem divina, chamada também “o outro reino” e, de outro lado, a ordem de natureza onde tudo “nasce, desabrocha e desintegra-se”. Esses dois campos são totalmente incompatíveis e não podem ser unificados. O ser humano não consegue vivenciar a vida divina, as elevadas energias do campo de origem. Para cruzar esse abismo inventível, esse Estige, é necessário lançar uma “ponte”. Para tanto, podemos considerar que uma escola espiritual constitui um terceiro campo de força, que liga temporariamente nossa natureza à eternidade. Tanto quanto possível, esse campo de força coloca-se no nível da frequência vibratória desta natureza. O buscador dotado de um átomo-centelha-do-espírito desperto é capaz de receber impressões desse campo. Conseqüentemente, a tarefa dos membros da Escola Espiritual é construir e manter esse terceiro campo de força nesta natureza; de fato, os esforços que eles fazem, em sua fervorosa aspiração, mantêm um intercâmbio com as forças da eternidade. Um ser humano que liga essas duas naturezas tão distintas entre si forma uma terceira natureza; ou melhor, torna-se uma pedra de construção da terceira natureza. O caminho não se realiza de repente, cada um tem de colaborar com ele. Há, evidentemente, uma elevação de frequência vibratória individual e específica, na qual não se pode levar ninguém. Mas é possível e desejável colaborar em grupo, porque a terceira natureza coletiva tem o poder de tocar outras pessoas e estimulá-las a participar do trabalho do grupo. Pode-se dizer que esse grupo constitui uma arca, um barco celestial; e

quanto mais sólida for a construção dessa arca, mais ela cumprirá seu objetivo, mais a natureza da vida comum elevar-se-á em direção à terceira natureza e mais rápido o caminho será realizado.

COLABORAÇÃO ATIVA A terceira natureza abre-se a todos os que se orientam para a Gnose: “Amar a Deus sobre todas as coisas”. Quando a terceira natureza se manifesta de fato, nela não há apenas o amor de Deus, mas também o amor de todas as criaturas. Então, a orientação para a Gnose e para o amor de Deus segue-se logicamente: “Amar ao próximo como a si mesmo”. Então, ajudar e servir são conseqüências naturais. Além de participar do corpo-vivo da Escola Espiritual, o grupo também vigia sua pureza e sua vitalidade, o que implica numa cooperação ativa e consciente de seus membros.

Os “campos morfogenéticos” da eternidade, que designamos freqüentemente como “Fraternidade”, não objetivam animar esta natureza. Como pertencem a uma natureza completamente diferente, eles podem ativar apenas o que pertence a essa outra natureza, ou seja, o átomo-centelha-do-espírito, que ocupa o centro de nosso microcosmo. E assim a consciência desperta no mundo alma-espírito, o reino do silêncio.

Cada “rendição” vivifica a nova consciência. E cada ser humano que cruza a ponte transforma-se no *Outro*: ao lado da antiga personalidade que, em auto-rendição, se colocou a serviço do campo original, surge, mediante a transfiguração, o *novo homem* ✪

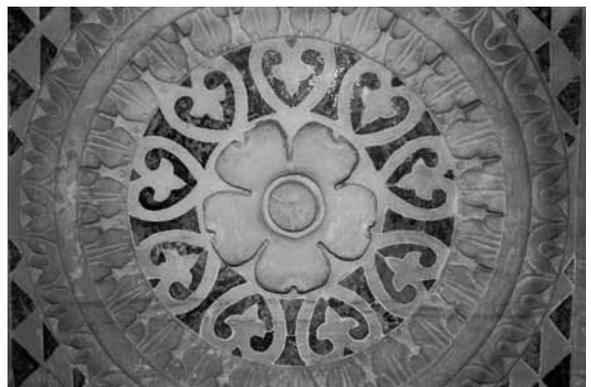
(1) Castaneda, C. *A Roda do Tempo*. Rio de Janeiro: Nova Era, 2000.

o mosaico áureo das almas livres

A vida isolada, o individualismo exacerbado, o “eu-sou” tão característico do ocidental, são absolutamente contrários à natureza do Logos.

Hermes diz: “Esse grande corpo que abrange todos os corpos é interiormente preenchido e exteriormente envolvido por uma alma repleta de consciência espiritual e preenchida por Deus, uma alma que vivifica o Universo”.

Em outras palavras, a manifestação universal constitui uma unidade de grupo admirável e maravilhosa. Não uma unidade forçada, mas a unidade da verdadeira inteligência, em total liberdade, um mosaico áureo de almas livres, a unidade da luz, a unidade da realidade divina do sétimo raio, a unidade e realidade da sétupla luz perfeita. Essa poderosa e nova imagem do mundo é plena de alma! E, devido à nossa natureza, movimentamo-nos ao ritmo dos sete raios, porém em sublime e absoluta unidade.



o homem unificado

Enquanto a humanidade viver, ela se esforçará para chegar ao grande objetivo: a unidade. Essa aspiração de todos os homens, de todos os povos, provavelmente será predominante no futuro. Contudo, seria correto dizer que quanto mais nos aproximamos de tal unidade mais depressa nos afastamos dela? E que as diferenças de opiniões, ao longo dos séculos, nunca estiveram tão marcantes? E que os conflitos resultantes se tornam cada vez mais sérios?

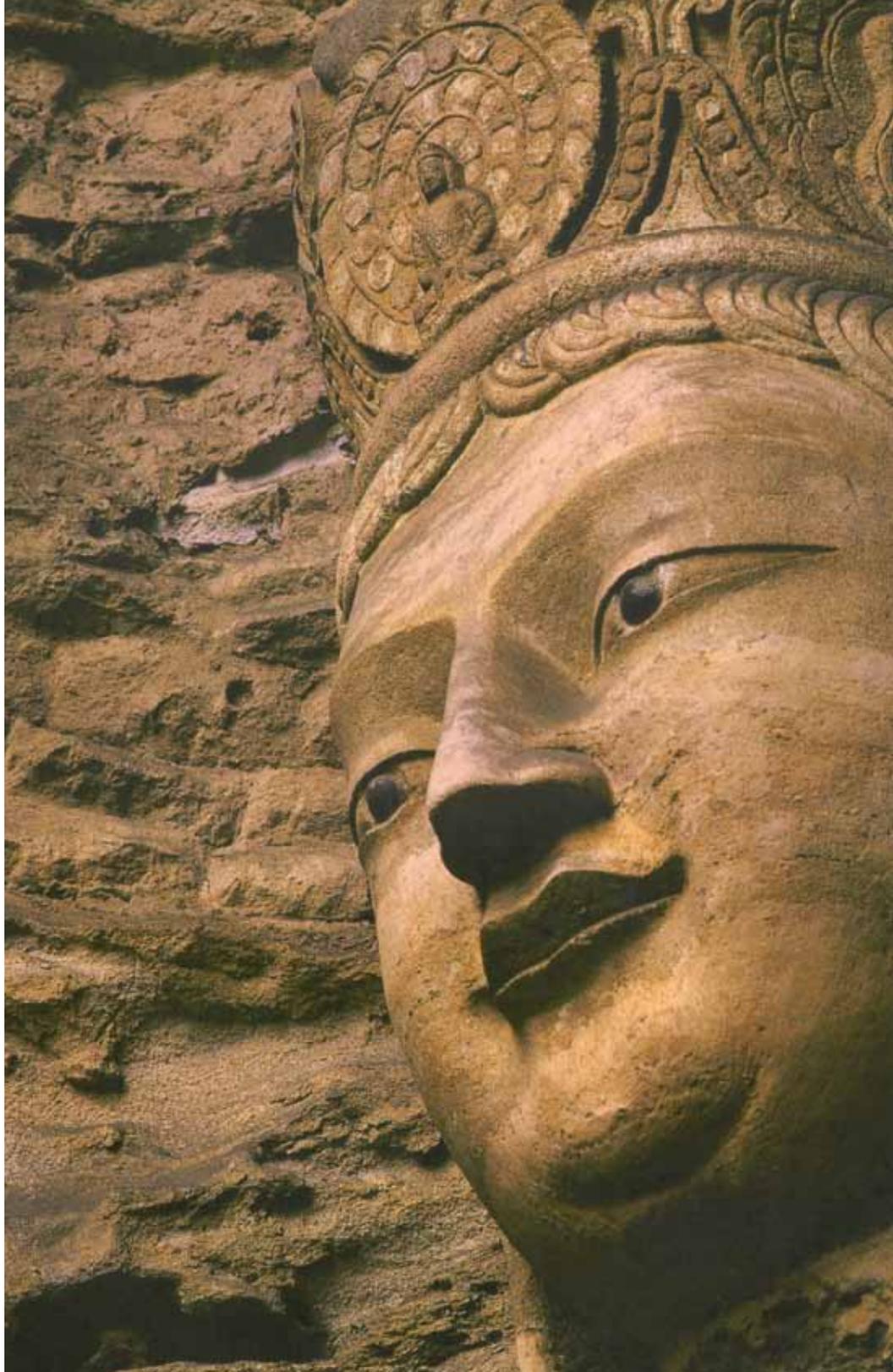
A cordos estreitos são assinados entre os diferentes povos: a União Européia, a Liga Árabe, a ONU e muitos outros... contudo, parece que um antagonismo mútuo cresce entre os homens, e as grandes religiões e as diversas civilizações opõem-se de modo implacável. Muitos manifestamente desejam a unidade, mas à custa dos outros, aos quais gostariam de impor a força sua fé e seu estilo de vida. Os países democráticos tentam realizar a união de todos os países exercendo a hegemonia sobre os povos de estrutura mais tradicional por meio de manobras políticas, de forças armadas e sobretudo da economia. As grandes empresas tentam alcançar a unidade monopolizando o mercado mundial. Muitas vezes um sistema de valores coletivos não justifica a tentativa de criar a unidade e apenas representa a pura ambição de exercer o poder por meio de uma organização burocrática em todos os níveis da sociedade. A unidade, é claro, é um objetivo importante que impulsiona a humanidade, principalmente nos dias de hoje, pois a unidade aparece claramente graças à tecnologia que facilita as comunicações e as relações internacionais. Mas a humanidade ainda não conhece a natureza da verdadeira unidade, nem os meios de chegar a ela. Como sempre, há um esforço para estabelecer a unidade com base em seres humanos egocêntricos, o que torna inevitável uma explosão a curto prazo devido aos seus interesses contraditórios. É impossível criar uma unidade durável se tentamos exercer pressão pela força ou pela violência. Como encontrar uma unidade, uma união durável da humanidade e como alcançá-la? A verdadeira unidade depende de

um novo estado de alma. A idéia de unidade leva a experimentar a divisão fundamental entre o eu da personalidade e o núcleo espiritual no centro do microcosmo. À medida que essa consciência cresce, os laços que acorrentam ao mundo da dualidade e da divisão se desfazem e as radiações do núcleo espiritual se modificam – e também a personalidade. Se desejamos adquirir o autoconhecimento e obter a ligação consciente com o Espírito, a unidade com o coração do microcosmo se restabelece, assim como a ligação incontestável com o coração solar do macrocosmo. Assim, a realidade espiritual absoluta vibra cada vez mais forte como informação, não apenas nas células sutis mas também nas células físicas do corpo.

A dupla corrente energética do amor e da sabedoria que emana do mundo divino é ativada, afluindo do centro do ser universal em direção ao centro de todos os seres; e, através de nós, essa corrente pode fluir para toda a criação. Porque, por trás do mistério do amor divino e da sabedoria divina, é incontestável que no nível espiritual das almas e no nível físico, a vontade eterna do Uno leva indiscutivelmente à manifestação universal. Nessas condições, o amor, a luz da compreensão e a vontade divina participam na execução do plano do Espírito no universo. Em linguagem moderna poderíamos dizer: a informação original, o impulso original e a energia original do Espírito realizam infalivelmente o plano divino da criação no universo inteiro. Cada ser humano porta essa trindade inviolável como semente, como núcleo espiritual no coração.

A dupla corrente energética do amor divino e da

Vós, homens celestes e todos os seres divinos, repousai cada um de maneira concêntrica no Uno. De modo que nenhuma dúvida se instale em vossos pensamentos e que somente a paz inspire vossos atos.
Mani



consciência divina irradia continuamente sobre todo o universo, em frequências vibratórias muito elevadas, conseqüentemente também sobre nossa minúscula terra. Isso significa que a palavra do Logos, a mensagem do Cristo cósmico, o evangelho do Espírito eterno, se manifesta do alto para baixo,

do plano espiritual para o plano da alma e depois para o plano físico. Nos inúmeros focos que são os pontos de ligação com a luz, essa corrente energética esforça-se por fixar-se. Nosso microcosmo está, desde a origem, destinado a ser um desses focos, o que pode possibilitar ao homem microcósmico

*Lá onde os companheiros do
mistério da unidade se reúnem,
eles transcendem de longe o reino
da dualidade. Se permanecerdes
interiormente fortes e unidos na
verdade, vencereis o poder do pecado
sempre iminente. (Kephalaia, Mani)*

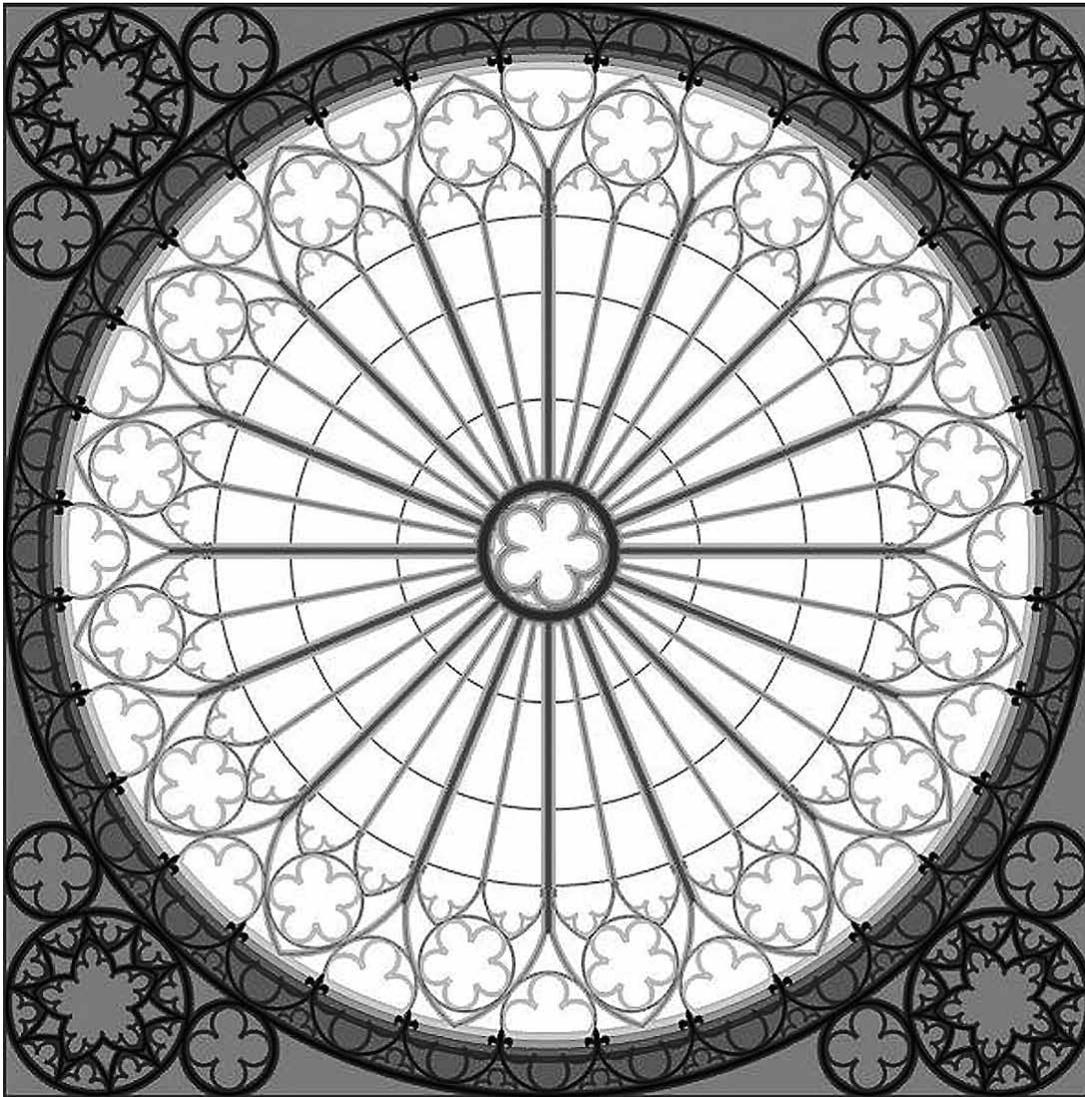
religar-se, pela corrente de energia do Espírito, ao Eterno Uno.

O homem unificado responde sempre a essa corrente energética. Ele é sempre atraído para a união com o mundo divino – porque nele desapareceu o eu da personalidade que não cessa de perseguir seus interesses ambivalentes. E evidentemente, as raras pessoas tocadas pela corrente energética se reconhecem e se reúnem a fim de viver a união com o mundo divino e dele testemunhar mediante suas vidas.

Por isso, em todos os tempos e lugares do mundo, surgiram escolas iniciáticas com a finalidade de servir como modelos de unidade e fraternidade que, um dia, a humanidade poderá seguir. Não é estranho que os poetas, no curso dos séculos, tenham comparado essa fraternidade a uma árvore florida. Na primavera, todas as flores se nutrem da seiva provinda da raiz da árvore, todas elas se abrem ao único sol e refletem sua luz, todas respiram o mesmo éter vital e emitem seu perfume. E todas carregam frutos graças ao intercâmbio harmonioso entre terra, água, ar e luz, os quatro elementos fundamentais da natureza. Cada flor emite seu próprio perfume e cada fruto tem seu aroma, ainda que ambos recebam sua vida da única unidade que a árvore representa. Flores e frutos devem abandonar-se à vontade da árvore e a seu plano subjacente, enquanto as sementes contidas nos frutos da árvore a propagarão abundantemente. A árvore em flor da natureza é a imagem que ilustra o milagre da unidade vivente no amor e na sabedoria do mundo divino. A maioria dos homens vive da corrente energética do amor e da sabedoria que emanam do mundo divino, mesmo

que sua consciência ainda esteja fechada. Mesmo que comam o mesmo pão, bebam a mesma água e desejem o bem uns aos outros, seus pensamentos não bebem conscientemente da fonte divina da unidade universal. Eles bebem de maneira inconsciente da fonte deste mundo, fonte contaminada por conflitos, dúvidas, ilusões e pela irreduzível dualidade. Ciúme, inveja, angústia, cólera, pensamentos e sentimentos opostos da cabeça e do coração são causas de seus atos falsos. Eles tentam realizar a unidade exercendo poder sobre o outro e, no entanto, é cada vez mais evidente que esse sistema não tem nenhum futuro. Aliás, rupturas e guerras denunciam impiedosamente e por toda parte a deficiência dessas tentativas de unificação, e já é hora de começarmos a aprender as lições. As catástrofes de maior ou menor proporção mostram que no estado atual o que é fundamental nos falta. No entanto, se um só indivíduo ou grupo responder ao chamado da corrente divina de amor e sabedoria, e se as perturbações do equilíbrio geral não ultrapassarem o limite, a catástrofe final será evitada.

A longo prazo, haverá mais e mais pessoas que compreenderão, ainda que devido a circunstâncias exteriores, a necessidade de preservar os fundamentos da humanidade para que ela sobreviva. Um grande movimento referente ao meio ambiente está acontecendo. E cada vez mais numerosas serão as pessoas em quem agirá o impulso espiritual da reminiscência, que as conduzirá à realização da unidade absoluta. No entanto, a unidade absoluta deste mundo natural com Cristo será sempre uma utopia.



“A ligação com a unidade universal concede vida, movimento, atividade e alegria, bem como o poder de penetrar o mistério de nossa vida, inconcebível sem o Um, e de julgá-la conforme seu valor autêntico.”

Esquema da rosácea da catedral de Estrasburgo, França

Na força do Uno, é possível haver, nesta terra, certa unidade entre um indivíduo e outro. Renunciar verdadeiramente ao “eu” não é uma atitude passiva, e religar-se à unidade universal é um empreendimento cheio de vida, de movimento, de atividade e alegria, que dá o poder de penetrar e julgar com justeza o mistério da nossa vida, inconcebível sem a existência do Uno. No entanto, a experiência do Uno é relativamente rara e até o momento só é almejada nas escolas espirituais.

Nesta terra, a união geral de todos os indivíduos

com base na unidade, ou seja, nos aspectos opostos da natureza, assim como a unidade em Cristo de todos os povos, religiões e culturas, é totalmente sem esperança.

“E eu vi um novo céu e uma nova terra”, disse o autor do Apocalipse. E eis o segredo, o ponto de partida absolutamente diferente de uma unidade verdadeira e possível. Apenas dentro de uma atmosfera totalmente nova poderemos comparar a humanidade a uma árvore florida que se nutre das sementes da sabedoria e do amor divino ☸

unidade de grupo: *assim como é em cima, assim é*

Se apresentarmos a “unidade de grupo” como a harmoniosa comunhão de um grupo de homens e mulheres que, juntos, aspiram pela força da luz, poderemos então nos perguntar se realmente existe um “em cima” em acordo com um “embaixo”? Quer dizer, existiria algo “embaixo” que pudesse aproximar-nos de um “em cima”? “A música é a expressão da aspiração pelo paraíso perdido”, diz o poeta. O que seria mais natural do que procurar uma analogia na música?

Examinemos o caminhar de quem possui um pronunciado dom para a música. Já na infância essa aptidão se manifesta. Logo que ouve música, a criança pára, e é irresistivelmente atraída; ela cantarola ou canta a melodia. Se experimenta um instrumento musical, ela vai querer um. Os pais atentos lhe darão, e a criança poderá, durante algum tempo, improvisar com seu instrumento. Depois, logo que começar a tomar aulas de música, ela perceberá que está longe de ter tirado o máximo do instrumento. O período de aprendizagem e de treinamento inicia-se, então, muitas vezes acompanhado de desânimo e dúvida, ao mesmo tempo em que outros interesses solicitam sua atenção. Mas se o talento musical é bastante pronunciado e os pais e professores sabem guiá-la com sutileza, o resultado não tardará, o que lhe dará asas e a estimulará a continuar. Pouco a pouco o jovem músico domina mais e mais seu instrumento e se familiariza com as leis musicais. Depois ele descobre depressa que é mais agradável tocar música em grupo; e chega o momento em que alguns jovens músicos se reúnem para estudar e ensaiar um pouco. E logo que entram em acordo quanto à interpretação e passam a dominar a técnica, pode ser que alguma coisa especial, num momento especial, se produza: eles alcançam uma espécie de esquecimento de si, são absorvidos pela corrente da música, sentem-se inspirados. Se, além disso, os ouvintes estão abertos e plenos de interesse, seu ouvir atento mescla-se a essa atmosfera: os músicos e os ouvintes formam, então, uma unidade, e vivem a experiência de que o todo é mais que

a soma das partes. Depois que as últimas notas soam e que os aplausos cessam, a impressão vivida continua e produz seu efeito, contanto que esse efeito não seja imediatamente destruído pela vida comum e suas preocupações. Mas o eco dessa atmosfera encantada desperta o desejo de vivê-la novamente.

A VOCAÇÃO ESPIRITUAL O que a vocação significa para o desenvolvimento do futuro músico aplica-se ao desenvolvimento espiritual. Neste



embaixo

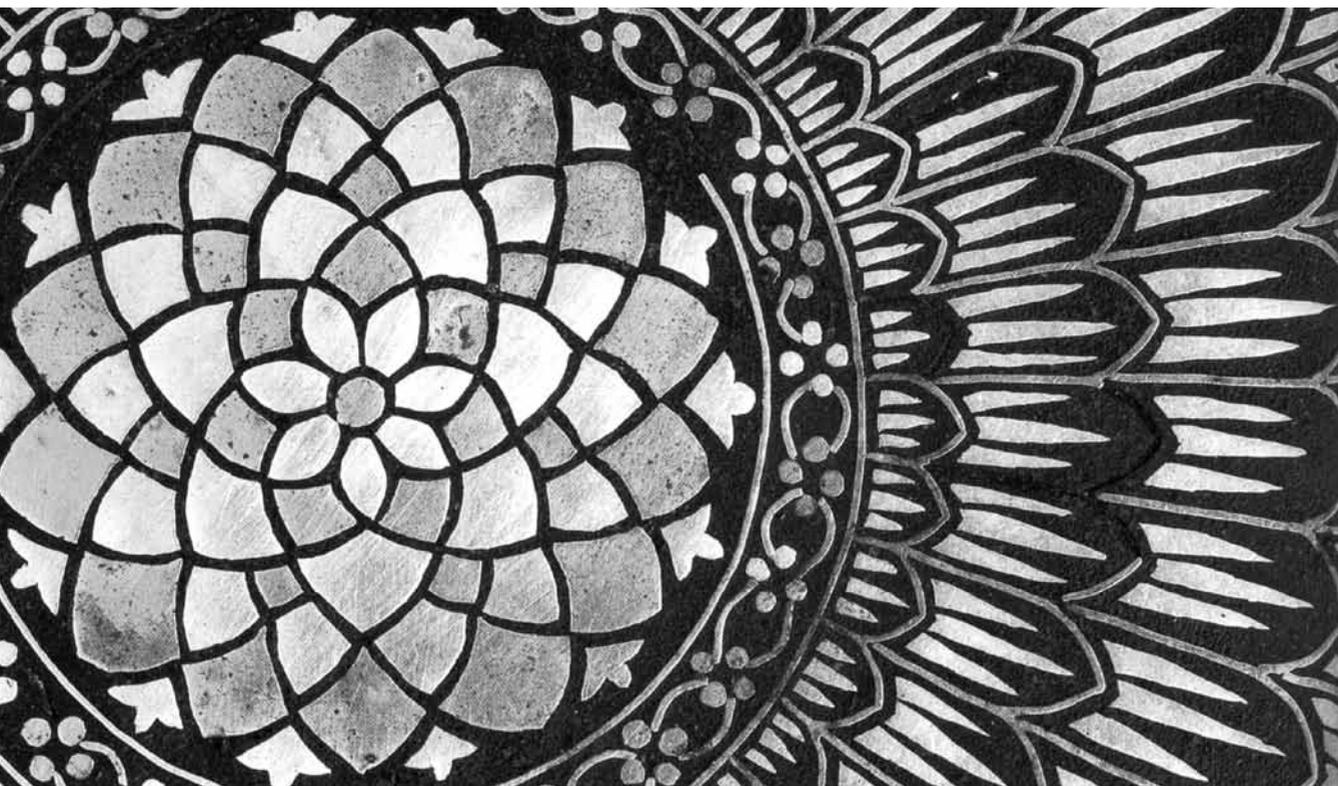
“O que está embaixo é como o que está em cima, o que está em cima é como o que está embaixo.”

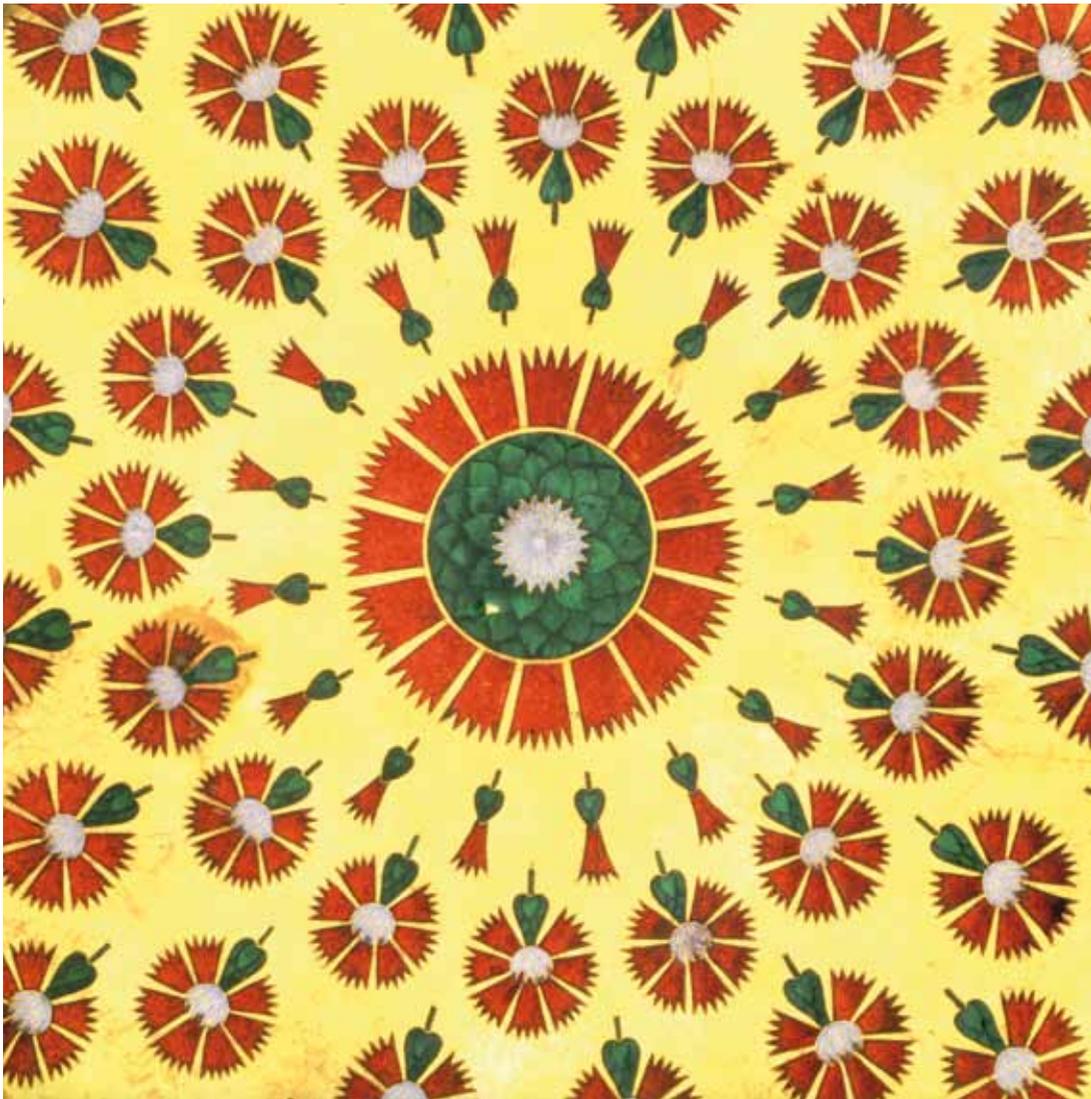
caso, dizemos que a vocação é o centro, o núcleo espiritual do coração humano, que oferece a possibilidade de receber uma força espiritual. Esse centro trabalha em nossa vida como mensageiro da natureza superior. Nele está encerrada, como em um grão, a inteira possibilidade da realização; mas a germinação e o desabrochar desse grão dependem da pressão que a vida exerce.

A centelha espiritual está ativa em muitos desde a mais tenra idade. Embora esse toque original seja muitas vezes rejeitado no decorrer da vida, ele

não desaparece completamente e continua a agir em segundo plano. E logo que a pessoa começa a refletir por si mesma, esse impulso original a conduz depressa às grandes questões espirituais: “De onde viemos? Para onde vamos e por que?” A grande busca tem início.

A personalidade com suas capacidades é como um instrumento colocado à disposição do ser humano. A intuição, sua bússola interior, mostra-lhe a direção. Como o músico, ele “toca” com sua personalidade. Seu interesse pela filosofia





ou pela religião dá direção e profundidade a seu pensamento.

A arte e a literatura confirmam e mesmo reforçam sua sensibilidade ao milagre que é a vida. Ele percebe que o que a maioria das pessoas acha tão importante deixa-o completamente indiferente, e ele começa a procurar seu caminho. Ele não está sozinho, pois muitos homens seguem a mesma via. Então, a lei magnética “semelhante atrai semelhante” age. Ele procura encontrar pessoas de tipo igual ao seu. Dessa forma, começa a ampliar e a aprofundar sua concepção do mundo espiritual. E, por fim, ele encontra uma escola

espiritual e pode provar diretamente a energia que provocou esse impulso e, por fim, compreendê-la. Numa escola espiritual, ele encontra outras pessoas semelhantes a ele e pode aí experimentar a unidade de grupo. Ele não a viverá onde é impossível vivê-la, ou seja, no plano das personalidades dessemelhantes. Essas diferenças são muito profundas e duráveis para formar uma verdadeira unidade nesse nível. Pouco a pouco, ele comprova que a verdadeira unidade de grupo encontra-se no campo original, ao qual aspiram todos esses buscadores.

Assim como em uma orquestra, na qual cada

Cada microcosmo é um ser animado por forças vivas e vibrantes e possui uma nota fundamental que é adequada apenas para ele, seu próprio “nome”

um dos instrumentos tem seu timbre individual e todos ressoam juntos, também os buscadores trazem cada um sua tonalidade fundamental na vibração do grupo. Embora cada homem seja um verdadeiro pensamento criador de Deus, ligado em sua essência a todos os outros homens, o ensinamento nos fala de sete raios e de sete tipos humanos correspondentes. E considerando que cada microcosmo não é algo “abstrato”, mas um ser vivente de forças vibrantes, cada um deles tem também uma tonalidade fundamental que lhe é própria e que é seu verdadeiro “nome”. Além disso, as inúmeras experiências das múltiplas encarnações do microcosmo dão a cada um uma cor e um caráter particular; e cada um “exprime” essas particularidades em todas as situações em que se encontra envolvido.

A tonalidade fundamental do ser é constituída com base nas vibrações que emanam de suas características e tendências dominantes. O acorde de cada um é de grande importância para o nível do grupo inteiro, pois é uma caixa de ressonância para as irradiações do Espírito universal.

Aqui encontramos novamente paralelos com a música. A estrutura de uma sinfonia, por exemplo, e o caráter que seu compositor quis lhe dar estão escritos no invisível, mas estão impressos na partitura de diversas maneiras. A arte do maestro e de seus músicos consiste em tocar “o melhor” que podem para se aproximar o máximo daquilo que inspirou o compositor. Pode acontecer, raramente, que os músicos toquem tão bem e interpretem uma música de maneira tão inspirada que superem mesmo a qualidade da composição

original. Essa interpretação influencia, então, a versão original no invisível, harmonizando-se com ela e reforçando-a graças a sua qualidade excepcional. Encontramo-nos aqui diante da surpreendente lei da ação e da reação mútua dos elementos da criação. “Assim como é em cima, assim é embaixo” e inversamente.

Na atividade do grupo, o que é comparável à execução da partitura de uma orquestra? São as reuniões, durante as quais o grupo entra cada vez mais em acordo, aspira criar uma energia e uma atmosfera puras verdadeiramente espirituais, até o momento em que o Espírito finalmente se exprime em cada alma e uma maravilhosa troca ocorre no nível individual.

Vivemos porque pensamos, sentimos, queremos e agimos. Essas são as faculdades da alma. Trata-se de torná-las tão transparentes que possam receber os impulsos da luz que penetram o núcleo espiritual do coração bem como as intenções do campo espiritual universal.

Assim como o músico cuida de seu instrumento, afina-o e toca-o regularmente para que não perca sua “alma”, assim também, o buscador cuida de sua alma e de seu corpo; ele também presta atenção a seu meio a fim de colocar a menor quantidade possível de obstáculos às atividades das elevadas energias espirituais. Nesses dois casos, a chave desse “cuidado” é o amor.

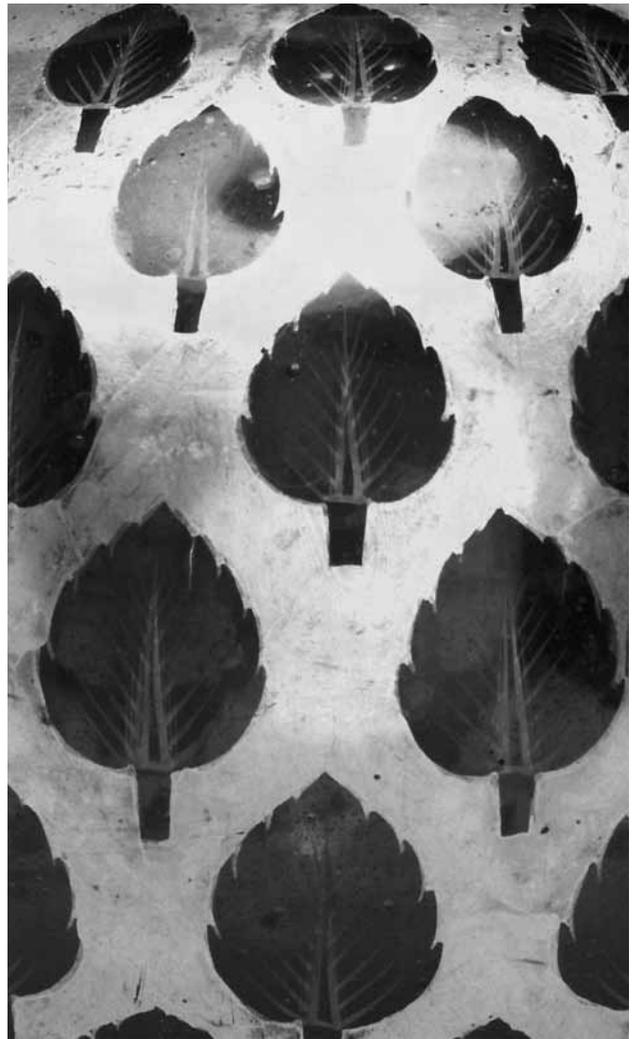
Um instrumento negligenciado não soará corretamente, assim como um instrumento bem afinado, mas mal tocado. Para obter um bom resultado, quem toca – a consciência da personalidade – e o instrumento – os poderes da alma – devem

Do mesmo modo que o músico cuida de seu instrumento, afina-o e toca-o regularmente para que não perca sua “alma”, assim também, o buscador cuida de sua alma e de seu corpo

satisfazer a um mínimo de critérios. Em cada um, a realização da alma atinge certo nível, que o diferencia dos outros e determina a medida e a maneira que ele está ativo no grupo.

O efeito que um trecho musical produz no auditório pode ir desde o encantamento até à irritação ou à tristeza. Porque a alma receptiva é então confrontada com a experiência da linguagem musical, que pode, de acordo com seu poder de ressonância, despertar as mais diversas reações. Esse encontro com o que está “muito além do comum” pode provocar o desejo de reviver uma maravilhosa experiência musical.

Para um grupo orientado para um objetivo espiritual, ocorre também o encontro com a natureza superior, que só poderá nos tocar se o núcleo espiritual vibrar em uníssono com ela. Quando essa vibração acontece, a centelha-do-espírito inflama-se e “a luz penetra na alma”. Mas, durante muito tempo, a alma não reconhece essa luz, pois seu olho está perturbado pelas trevas deste mundo. No entanto, um dia, finalmente a



alma enxerga o que a luz ilumina dentro dela, e o que ela mesma deixou na obscuridade porque não queria ver. A maioria das vezes, o que ela relegava à obscuridade não é muito gratificante, mas, na força da luz, a confrontação pode começar. Progressivamente, o olho da alma habitua-se à luz, aprende a reconhecê-la e a amá-la como verdadeira mensageira de sua pátria, a natureza superior.

Assim como quem ama a música quer reviver sem cessar a experiência musical que perturbou sua alma profundamente, assim também quem aspira ao Espírito querará reviver conscientemente a experiência espiritual que sempre mexe com sua alma: a união com seu “ser verdadeiro” ✪

todos os homens são irmãos?

Ao longo dos dois últimos séculos, certos países consideraram a vida política e cultural como uma missão comunitária. Para alguns, foi um período de paz e bem estar, para outros, os conflitos se acirraram. O que significa, nesse contexto, a existência de uma escola espiritual?



FORMAÇÃO DE UMA NOVA COMUNIDADE

No século 18, o mundo recebeu um potente impulso que introduz a humanidade num novo período: o Iluminismo. “Todos os homens são criados iguais” pelo Criador, decreta a Declaração de Independência americana em 1776. Alguns anos mais tarde, a Revolução Francesa alardeou a idéia de liberdade, igualdade e fraternidade, que se implantou profundamente na cultura européia e mudou por completo as concepções culturais. Desde então, cada pessoa vê a outra como um ser provido pelo Criador de entendimento, razão e capacidade, além de meios de se voltar para um ideal. Isso representa, na história da humanidade, uma

reviravolta sem precedentes.

“Todos os homens são irmãos!”, escreveu Friedrich von Schiller, exprimindo a grande aspiração de seus contemporâneos por sair da ignorância, da opressão, da alienação, do ódio e da violência. O homem, acreditou-se, podia finalmente tornar-se humano. Mas a realidade que sucedeu essa utopia é um retrocesso pavoroso: racismo, colonialismo e injustiça social, que excluem grande parte da população, inclusive as mulheres, da realização de seu próprio destino. Finalmente a catástrofe da Primeira e da Segunda Guerra Mundial não deixou sobrar muito do brilho inicial desse grande ideal. Um novo impulso

intervio: a ideologia comunista, com a promessa de igualdade. O primeiro Estado comunista da União Soviética foi estabelecido após a revolução de 1917. Mas, após a Segunda Guerra Mundial, esse impulso se espalhou pelo Ocidente assim como em muitos países da América do Sul e da Ásia. Os países comunistas instituíram sociedades baseadas na igualdade e no coletivismo, mas de uma forma que, por meio de muita propaganda, colocava as pessoas sob absoluto controle. O indivíduo encontrava-se não apenas subordinado à massa, mas não existia sem ela, fator que bloqueava a manifestação de quaisquer outros impulsos.

A BUSCA PELA UNIDADE Após o desaparecimento de quase todos os Estados comunistas, essa ideologia deixou uma triste herança: a extinção do belo legado do espírito comunitário do homem natural. A formação de grupos, coletividades, sociedades e até simples reuniões são hoje imediatamente

consideradas não apenas uma ameaça, mas um atentado ao direito humano à individualidade. E é sobretudo a própria idéia de unidade, inerente ao homem, que fica desacreditada. Normalmente, a unidade é compreendida como a união dos indivíduos num grupo que só se mantém enquanto cada um perseguir o objetivo dessa comunidade. Mas o que é reagrupado sem coerência cedo ou tarde se dispersa. O conceito de unidade é muito mais amplo. A verdadeira unidade exige uma nova consciência (ainda desconhecida para nós), uma consciência alheia a toda idéia de separação entre as polaridades opostas. Na realidade a palavra “indivíduo” significa não-dividido. O homem integral, o homem-espírito, dispõe de toda a força divina. Ele vive de Deus e em Deus. “O pai e eu somos um”, disse Jesus.

O homem terrestre não alcança a unidade religando mentalmente os aspectos opostos de todas as coisas, mesmo que isso produza certa

As esculturas de Borobudur, na ilha de Java, ilustram de modo sublime o poder do grupo. Primeiro, os irmãos apresentam suas oferendas: a espada da união restabelecida com o Espírito e também a sua força e sabedoria (símbolo: o elefante). Dessa maneira, eles estão em condição de construir a barca celeste



A palavra “indivíduo” significa o homem “não-dividido”. Quem utiliza a força da não-divisão dispõe outra vez do inteiro poder da divindade

consciência de unidade. Querer formar a unidade com base no positivo e no negativo, no masculino e no feminino etc., não está no domínio do possível. Aliás, isso também não é necessário. O homem não precisa desenvolver a consciência da unidade, ela existe desde muito antes da criação da terra. Essa consciência, portanto, não nasce do homem individualmente. É uma qualidade cósmica que todos os homens podem absorver. Essa unidade é onipresente, portanto, sempre e continuamente presente, e só precisamos abrir a porta para que ela se expresse em nosso sistema.

Mas nos tornamos conscientes dessa força e da sua atividade quando nosso estado de alma pode se aproximar da qualidade dessa unidade. Porém, em geral, isso não acontece.

Quando os raios desse estado de consciência superior descem no corpo de desejos, eles se tornam imediatamente “pessoais”. Isso significa que eles são adaptados no nível específico do ser humano egocêntrico, que os utiliza em benefício próprio. Assim, a força em sua forma pura que poderia inspirar e unir verdadeiramente todos os homens é rapidamente anulada outra vez.





**... e eles vêem que o mar acadêmico
se acalma e que a luz original
desponta no horizonte**

A UNIDADE DO CAMPO DE FORÇA, A FORÇA DO UM Em *O livro de Mirdad*, de Mikhail Naimy, ele diz: “O Verbo de Deus é um cadinho. O que ele cria, ele derrete e funde em um, nada aceitando como valioso, nada rejeitando como sem valor”. Sobre essa base os alunos de uma escola espiritual trabalham para alcançar a unidade de grupo. O campo de força assim criado serve de transição para um novo campo de vida de uma beleza sem igual. Esse campo de força não serve de forma alguma aos interesses pessoais dos indivíduos, mas dirige-se a todos em sua pureza original como fonte da verdadeira inspiração, como o ar que respiramos coletivamente. Essa esfera de passagem serve para operar a transformação que prepara para a entrada na natureza superior. Nesse sentido, é um campo divino de libertação e de auto-iniciação. Ao adentrá-lo, adquirimos o conhecimento do caminho e a força para percorrê-lo;

vários obstáculos são aplainados, ao mesmo tempo em que a alma original e perfeita acorda, sendo ela também de natureza divina.

Que significado tem isso para o mundo? Nosso campo de vida é atravessado por inúmeras vibrações que nos circundam e nos influenciam, sem que penetrem em nossa consciência. A radiação libertadora da Gnose também está presente, mas nada recebemos dela no início. Apenas os que a anelam fortemente recebem seus raios, transformam-nos e permitem, desse modo, que a cultura na qual estão inseridos a integre. Essa força de libertação opera, então, num segundo nível.

Imaginemos que ouvíssemos falar e víssemos agir uma pessoa em bom estado de saúde. Quantos não teriam a tendência de recuar ou então de supervalorizar-se e achar que estão tão bem de saúde quanto essa pessoa? Mas se um pesquisador sincero entra em contato com um grupo de

alunos aplicados e se rende às evidências, muitas vezes compreende as exigências do verdadeiro processo espiritual bem mais facilmente. Um grupo de pesquisadores eficientes oferece maior possibilidade de realização espiritual. Cada um projeta ali seus esforços e os resultados adquiridos. O grupo reparte com o mundo o conhecimento do caminho libertador assim como a radiação do campo de força, de forma que quem entra em

então, que há muito tempo o que considerávamos unicamente como contos, lendas e utopias unicamente fantasiosas, contém uma realidade agora realizável. Esse conhecimento experimental vibra nas esferas mentais da terra e resulta do trabalho dos verdadeiros buscadores espirituais. Ele forma uma estrela cintilante para todos os que chegam ao fim do caminho através da solidão deste mundo. Os seres receptivos a essas radiações

O trabalho de uma escola espiritual está relacionado com a lembrança da origem que reside no ser humano

contato com um de seus membros tem a oportunidade de ser tocado por essa radiação. O esforço de libertação não provém da necessidade de realização da alma mortal, mas da lembrança da unidade do Espírito, na qual vivia a alma imortal antes da queda no mundo tridimensional. É por isso que a idéia de unidade ressurge regularmente no curso da história da humanidade na forma de uma maravilhosa promessa.

EX PLURIBUS UNUM Nosso mundo sempre esteve em estreita relação com o mundo da perfeição. Este último irradia continuamente sobre nós seus valores, fazendo despertar das profundezas da inconsciência a recordação da nossa pátria de origem. A consciência, ainda nebulosa, a recebe e adapta, como sempre, os sublimes ideais a seus próprios objetivos. Faz parte das escolas de mistérios de todos os tempos submeter os candidatos a uma purificação do pensamento e dos sentimentos. É extremamente importante que os impulsos vindos da parte “pura e desconhecida” do mundo toquem da forma mais autêntica possível o coração e a mente dos alunos para possibilitar uma aplicação prática quanto ao objetivo visado. Como dissemos, o trabalho espiritual está ligado à recordação do estado original. Este último é ativado e dinamizado pelo grupo. Descobrimos,

inspiradoras reagem a elas espontaneamente e procuram sua fonte. Eles se unem a um grupo de trabalhadores que desejam libertar-se de uma consciência separada dos outros e do mundo. Finalmente, a evolução do homem tem um único objetivo: agarrar, no mundo da matéria e do sofrimento, o fio de seu destino original superior, aceitar sua missão como instrumento das forças divinas e colaborar com o plano da criação em unidade, liberdade e amor. A condição para isso é que a alma-espírito, devido aos valores espirituais que dela emanam, seja o princípio diretor de sua vida, em benefício da humanidade. O objetivo é que o homem enquanto microcosmo reintegre-se no campo de vida original. Esse é um aspecto da colheita espiritual. Ao longo de toda a história, as escolas espirituais exerceram ainda outra influência: numa civilização, enquanto as atividades dessas escolas não eram contestadas, as sociedades floresciam, pois sua ética atestava uma inspiração pura e divina. A grande esperança do século XVIII, expressa na máxima da franco-maçonaria inscrita no dólar americano reencontra hoje sua significação original: *Ex pluribus unum*, da pluralidade à unidade.

Traduzido livremente: o que está dividido volta à unidade no Um ☀

(1) Naimy, M. O livro de *Mirdad*. 5.ed. Jarinu: Editora Rosacruz, 2005.

nem um, nem dois

Cada pesquisador liga-se a uma força que o transforma e o torna apto a despertar a vida do homem divino original. Trata-se da força que emana do núcleo espiritual divino latente no interior de cada ser humano. Nesse sentido, ele dá um passo na direção do que a Sabedoria Universal denominou com grande respeito “o caminho”. Como resultado dessa ligação, ele participa de duas correntes de energia: a primeira aprisiona-o à matéria; a segunda é a força que o envolve e o eleva.

Devido aos esforços de nossos antecessores que liberaram em si o aspecto divino, hoje “o caminho” está inscrito na atmosfera sob a forma de uma nova possibilidade oferecida a todos. O campo de força onibarcante sempre se concentrou ao redor das autênticas escolas de mistérios, e hoje manifesta-se na escola ocidental de mistérios, a moderna escola espiritual.

Se o pesquisador admitir e aceitar a atuação dessa força em si e iniciar “o caminho”, diz-se então que ele é um “nascido de Deus”. A sabedoria, a força e o amor que, outrora, emanavam livremente de seu “microcosmo”, de seu pequeno mundo, põem-se lentamente a tomar forma em sua consciência. Os numerosos aspectos de um novo mundo, do qual ele suspeitava a existência, submergem-no. Como consequência, todas as coisas mudam de lugar, ligam-se umas às outras e se organizam de uma maneira até então desconhecida.

E o mais gratificante é que a partir desse momento desperta no homem a certeza íntima e absoluta de que ele pode cumprir o objetivo de sua existência: regressar a sua origem divina. Após algum tempo, a compreensão se expande e ele começa a compreender a natureza e o alcance do caminho. O passo seguinte, a auto-rendição, não é algo simples, pois ele deve abandonar tudo que se desenvolve nele. É a tarefa mais importante da qual a personalidade terá de se ocupar por muito tempo durante sua evolução. Mas o homem pode, de fato, na vida atual, finalizar o processo no qual ingressou, que aceitou e no qual recebe cada vez

mais compreensão? O que acontece então?

TENSÕES DO INTERIOR... Ao lado do homem divino vemos cada vez mais claramente nosso “ser” e o resultado das tensões diárias. Entramos num campo de tensão que, gradualmente, altera o sentimento que tínhamos da vida, pois percebemos cada vez mais a realidade da existência; no entanto, apesar de todos os nossos esforços, o bem, o mal, o inconsciente e o caos continuam presentes. Trata-se de um período que fala da felicidade de saber que o objetivo do caminho, “o Outro”, continua presente em primeiro plano ou no fundo de nossa consciência. No entanto, os esforços de nosso eu para transformar-se “no Outro” não têm nenhum sucesso, e gradualmente compreendemos que isso é impossível. Não há nenhum descanso, e um descontentamento crescente nos invade. Tentamos identificar nossa antiga personalidade com a nova, e vemos a impossibilidade de fazer uma corresponder à outra. E mais ainda: sentimos que nossa própria identidade e o contentamento conosco mesmos desintegram-se. Após a confrontação com a luz, com a imagem da nova personalidade que está surgindo, já não se trata de uma união estreita e indestrutível entre a imagem do homem imortal e a antiga personalidade.

Nesse ponto, só nos resta entregar-nos total e incondicionalmente ao novo processo, tendo por objetivo continuar a mudar. Unicamente assim é possível provar o campo de força tal como ele é na essência: uma fonte transbordante de energia dinâmica. A tensão entre o terrestre e o celeste já não será a causa de preocupações ou de frustra-



EXPERIÊNCIAS NO CAMINHO DA UNIDADE

ção, mas uma pura energia transformadora que criará uma nova unidade. No entanto, em dado momento, experimentaremos que a força protetora oniabarcante que nos envolvera tão calorosamente no início parecerá ter se retirado!

Aparentemente, não conseguimos preencher as condições exigidas, mas observamos também que o Outro se tornou uma força inerente à nossa consciência, uma força que sempre vem em nosso auxílio. Esse novo sentimento cresce, uma nova vontade enraíza-se em nós, e a união com o Outro divino é estabelecida. Nesse momento tornamo-nos perfeitamente aptos para conduzir a um bom fim, e muito melhor do que ousávamos esperar, a luta contra todas as nossas falhas e a entregar-nos totalmente ao Outro. A consciên-

cia de nossa unidade com tudo e todos desperta independente da consciência-eu individual. Finalmente já não haverá nenhuma reserva ou objeções, mas inteira confiança no ser eterno que despertou e em sua evolução na eternidade.

Acompanhando o sentimento de elevação decorrente da união com uma força onipotente, surge de repente, como um relâmpago, uma consciência de união com tudo o que emergiu, um dia, da fonte divina original. Em ligação com o amor verdadeiro, sustentados sem reserva, tornamo-nos unos com todos os portadores do divino. Ao mesmo tempo em que refletimos esse estado exteriormente, nós o testemunhamos em nossa própria vida. Irritação, conflito e hostilidade passam para segundo plano, mas isso é apenas um primeiro passo.

No lugar da crítica surge a consciência clara e prestativa que, silenciosa, vem em auxílio dos outros...

...E TENSÕES NO EXTERIOR Os conflitos individuais e tudo que ainda não foi realizado são claramente percebidos nas outras pessoas: ignorância do verdadeiro sentido da vida, egocentrismo incontrolável, submissão constante aos hábitos, incapacidade de mudar pelas próprias forças. Nossas próprias fraquezas e também as dos nossos companheiros no caminho surgem claramente no campo de força: continuar prisioneiro das idéias convencionais, falta de fé, abstenção de total auto-rendição, aprisionamento ao estado natural. Percebemos tudo isso nos outros, mas vivemos com eles no campo de força onde cada um ouve o chamado para finalmente refletir o ideal do homem divino. Mas o que realmente percebemos? As faltas dos outros? Os reflexos de nossas próprias imperfeições? Uma mistura dos dois? Tudo que pensamos afasta-nos das outras pessoas, causando, por fim, o retraimento da energia libertadora. As supostas faltas dos outros, que são percebidas por nosso ego, suscitam rejeição, crítica e conflito, o que é freqüentemente mais maligno que as faltas em questão. Além disso, o que nos parece embaraçoso, desagradável e incorreto liga-se à



nossa consciência; e obstinar-nos a considerar unicamente as supostas faltas dos outros é perigoso, embora possa ser útil para descobrir em nós os mesmos obstáculos.

No caminho, devemos rejeitar o olhar crítico, o afastamento uns dos outros e todos os sentimentos e reflexões resultantes. Devemos desviar-nos de tudo isso e compreender que são obstáculos suplementares. Consideremos as tensões e os conflitos que isso gera no campo de força; sintamos a aflição da nova alma diante de tal falta de harmonia. Contudo, essa experiência, por mais desagradável que seja, pode também corresponder a um aprofundamento interior que permitirá



melhor seguir as sugestões do ser superior em nós, “o Outro”, que experimentamos sob a forma de impulsos sutis. Assim, podemos avançar mais um passo no caminho de nossa total auto-rendição para que em nós uma consciência clara, fraternal, livre de qualquer interesse pessoal, possa substituir a crítica aos outros, reforçar o campo de força e, assim, ajudar os outros, interiormente, sem uma palavra sequer, a vencer seus obstáculos. Todas essas experiências nos mostram, apesar de nossos esforços, que não estamos prontos interiormente ou ainda não estamos em condição de poder colaborar com as forças libertadoras. Se a consciência de termos decaído da origem

crece, o socorro vem. De fato, quem, em total humildade, reconhece que faz parte integrante da natureza decaída aprende a render-se totalmente “ao Outro” em si mesmo. Dessa maneira, aproveita suas experiências, que transforma em melhor compreensão e novo comportamento e, dessa forma, avança no caminho que leva da dualidade à unidade. Assim, após o conflito com o ego, sobrevém a união, a unidade das almas eternas, e o conflito dilui-se no impessoal e grandioso amor universal.

A UNIDADE NA DUALIDADE O caminho libertador – bem como qualquer ação espiritual verdadeira – sempre é constituído de duas correntes: uma corrente que intervém na matéria e uma segunda corrente que porta uma força. A dinâmica dessas atividades magnéticas superiores permite percorrer o caminho do regresso, reerguer-se da queda, a causa do aprisionamento do divino em uma forma material. Se o nosso ser exterior, terrestre, tem o poder de render-se ao que possui de divino interiormente, as forças divinas procedem à reconstituição do “ser” eterno, o microcosmo. Trata-se sempre da transmutação do que é terrestre, embora haja um abismo insuperável entre o terrestre e o divino. A aparência do mundo deteriorado volatiliza-se, desaparece, a forma esvaziasse, e o homem divino ressuscita. Cada passo no caminho irradia uma nova força libertadora. E ainda que a experiência não seja perfeita, a partir do momento que a forma terrestre constrói um espaço para o “Outro” divino, este jamais cessará de agir... ✪

O novo campo de vida

Partidos, associações ou comunhões de interesses, quaisquer agrupamentos em nossa natureza originam-se, como é compreensível, ao redor da personalidade humana e nela, e naturalmente são, em certo sentido, reflexos individuais de seus membros. Contudo, sempre houve exceções. Motivações e objetivos para a formação de grupos não existem nem nunca existiram no nível desta natureza.



Essas exceções baseiam-se no fato de que o homem não é apenas um ser natural, mas também um ser espiritual. Quando os seres humanos estão conscientes disso e aceitam as conseqüências correspondentes, essa dualidade também se expressa em seu grupo.

Referimo-nos, aqui, a um conjunto de personalidades, uma comunidade de seres unânimes, voltados para a manifestação do homem espiritual original concebido por Deus, a comunidade alma-espírito.

Em muitos trechos no Novo Testamento percebemos claramente esses dois lados, o natural

e o espiritual, e também a ponte que é possível lançar entre ambos. Podemos encontrar os motivos de tal comunidade segundo as seguintes propostas:

“Deus (...) vos conceda o mesmo sentimento uns para com os outros, segundo Cristo Jesus.” (Rm 15:5)

“Completem o meu gozo, para que sintais o mesmo, tendo o mesmo amor, o mesmo ânimo, sentindo uma mesma coisa.” (Fl 2:2)

“(...) sede de um mesmo parecer, vivei em paz; e o Deus de amor e de paz será convosco.” (II Cor 13:11)



Contudo, com relação à meta, ao lado espiritual, é dito à comunidade alma-espírito:

“Para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu, em ti; que também eles sejam um em nós (...).” (Jo 17:21)

“(…) para que eles sejam perfeitos em unidade (...).” (Jo 17:23)

“Porque, onde estiverem dois ou três reunidos (unânimes, orientados) em meu nome, aí estou eu (Jesus, o aspecto alma-espírito) no meio deles.” (Mt 18:20)

Aqui, portanto, aparece a ponte que liga o estado natural e o estado espiritual.

A META ESPIRITUAL DA COMUNIDADE DOS

“UNÂNIMES” A comunidade usada como exemplo no Novo Testamento é, portanto, uma comunidade de pessoas de orientação semelhante que, em razão de suas possibilidades naturais, estão voltadas para o plano espiritual. Assim o Espírito pode agir no grupo como num templo e realizar, passo a passo, a unidade alma-espírito. Então, graças a essa comunidade, uma nova atividade operará no grupo. Por isso Paulo escreve: “Não sabeis vós que sois o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?” (I Cor 3:16)

Essa descrição de uma comunidade duplamente orientada evoca perguntas como as seguintes: É, pois, necessário, semelhante agrupamento para um indivíduo que deseja seguir o caminho libertador? Não é justamente na formação de um grupo que se oculta um grande perigo? Ou grupos têm suas vantagens? Estas são perguntas para as quais queremos encontrar respostas. De fora parece que as personalidades que formam uma comunidade não se distinguem absolutamente do resto do mundo. Mas, interiormente os membros do grupo estão orientados para sua meta alma-espiritual: o nascimento do novo homem-alma, a realização do templo interior de Deus.

O “DESAFIO” DA COMUNIDADE Mediante intensa ligação de cada um dos membros com a natureza dos opostos, na comunidade surge toda uma rica paleta de características humanas que pode ser encontrada no mundo inteiro. Existem os parasitas e os que perseguem prestígio e poder. Observando de modo superficial, sentimo-



nos inclinados a concordar com a afirmação de Hermann Hesse: “O impulso pelo coletivo que se baseia na indolência mental e na necessidade de repouso é o pior inimigo do homem e o corrompe”. Todo tipo de problema da personalidade incita-nos, neste caso, a esquecer nossa meta, tão claramente reconhecida outrora, estabelecida pelo Deus-em-nós.

Desse modo pode acontecer que, num grupo, um ego individual seja substituído por um ego coletivo. O ego individual esconde-se atrás do ego coletivo e acha-se seguro. Mas uma unanimidade forçada do pensar, sentir e agir é, com freqüência, um enorme perigo. Forma-se, então, um ego coletivo idealizado, criando assim a impressão de que se é algo superior. Tal ser coletivo

“...quem somos nós, comparados com a luz do Espírito? Apesar disso, somos atraídos pela Gnose. Algo dessa força eletromagnética é liberado em nós e, mediante o esterno e a rosa-do-coração, essa força entra como a queimar no sangue do coração; e, por meio dessa ligação e na qualidade de desiguais, somos atraídos pela Gnose. [...] O dessemelhante, antes atraído pela Gnose, é agora repellido, na assídua e

sincera tentativa para tornar-se igual à Gnose. Assim nasce a tão necessária circulação das forças, a grande roda entra em movimento. No campo de força se processa um metabolismo pelo qual são liberadas novas possibilidades gnósticas. Importante transformação sobrevém. A radiação do corpo magnético do grupo começa a mostrar os sinais desse desenvolvimento. É óbvio que, no próprio campo magnético do grupo, começa a

exteriorizar-se algo das intenções e atividades gnósticas, e o grupo é atingido por forças cada vez maiores e impelido para frente. Nesse momento, começa a existir efetivamente na Escola Espiritual em desenvolvimento um campo de radiação eletromagnético. Inicia-se, então, a quarta fase no grande processo de desenvolvimento da Escola Espiritual.”

Rijckenborgh, J. van, *A Gnose em sua atual manifestação*. Jarinu: Editora Rosacruz, 2007.

A “colheita do nosso tempo” é: formar juntos o novo campo de vida. E, nesse sentido, a viagem já começou!

é o resultado de um anseio irrefletido e está muito distante de uma verdadeira comunidade de almas. Ele é preenchido por uma força vital proveniente da subconsciência, força essa que pode ser poderosa e perigosa, pois se opõe ao desenvolvimento consciente e livre da alma, que era o objetivo inicial. Numa atmosfera como essa prospera o narcisismo de grupo, no qual se reivindicam privilégios e onde também é possível observar o sentimento de superioridade com relação a outras pessoas, inflamando-se então o fanatismo religioso.

INTERAÇÕES COM O CAMPO DE FORÇA Como também vemos em outros artigos desta revista, qualquer comunidade cria um campo de força magnética que atrai as pessoas que buscam pelos caminhos desse campo de força. No início, tal campo de força intensifica tanto os aspectos positivos quanto os negativos de nossa personalidade e caráter. Com isso, o autoconhecimento de todos os membros do grupo pode depressa aumentar e intensificar-se. Ao mesmo tempo, a elevada vibração que reflete o ideal reforça para os membros a possibilidade de se libertar paulatinamente de todas as imaginações. Assim num campo de força puro acontecem transformações muito fortes em todos os que participam dele com o coração e a alma.

Mas antes que os membros da comunidade percebam e reconheçam a atividade particular do campo de força, eles precisam encontrar um acesso mais profundo na alma, abrir-se com amor e, no momento certo, libertar-se totalmente. Deles depende reconhecer e neutralizar os perigos reais da

participação no grupo. Isso exige passos decisivos, que não podemos dar como indivíduos.

A condição prévia para isso é o anseio da alma em participar da sabedoria e do amor de Deus, do ramo, do tronco do qual ela um dia brotou. É uma vida orientada tão-somente para si mesmo opõe-se a isso. Portanto, o objetivo do homem consiste em vencer seu narcisismo e reconhecer, sim, experimentar profundamente, a grande ligação com a vida universal, tal como nos ensinam as grandes religiões.

Isso traz conseqüências consideráveis para o grupo inteiro. Todos entendem mais e mais que, como personalidades, não somos essenciais. Enquanto exigimos nossa felicidade e almejamos progredir, seja emocional ou psiquicamente, ficamos centrados nesse desejo e presos ao eu. Por isso não se pode formar um verdadeiro grupo espiritual baseado apenas na personalidade. Somente a força e o ardor interior de um real anseio – os aspectos anímicos – podem nos aproximar da luz libertadora. A meta de uma consciência de grupo desperta é criar para os homens as melhores condições para que eles mesmos se libertem dos conceitos que ainda determinam suas vidas e em seu lugar deixem fluir a luz da vontade pura divina e seu amor. A força e o *insight* liberados no grupo possibilitam que os membros se libertem dos limites da consciência-eu e, assim, comecem a realizar sua verdadeira tarefa de vida.

A RENDIÇÃO COMO CHAVE Em qualquer grupo existem problemas de personalidade, mas há também uma meta comum que pode manter junto o grupo até mesmo nas mais difíceis circunstâncias.

“Quem era Abel? Um pastor. [...] Quem eram os apóstolos? Pobres, ignorantes iletrados pescadores. Quem acreditava em suas pregações? O povo pobre e comum. Os sumos sacerdotes e os escribas eram servos do algoz do Cristo. Eles gritavam: Crucifica-o, crucifica-o. Quem, em todos os tempos, tem persistido na Igreja do Cristo com mais perseverança? O povo pobre e desprezado, que verteu seu sangue por Cristo. Quem falsificou a pura doutrina cristã e a combateu em todos os lugares? Os doutores na Escritura, os papas, os cardeais, os bispos

e os importantes mestres e professores. Por que o povo os seguiu? Porque eles eram muito respeitados, eram tidos por autoridades, tinham aparência muito imponente e exibiam-se em grande pompa. [...] quem purificou a Igreja na Alemanha da cupidez do papa, de sua impiedade e suas trapaças financeiras? Um pobre monge desprezado. [...] então, o que ainda está oculto? A verdadeira doutrina do Cristo? Não, mas a filosofia e o verdadeiro fundamento da Divindade, da alegria celeste; a revelação da criação dos anjos; a revelação da horrível queda

do demônio, da qual o mal proveio; a criação deste mundo; o profundo fundamento e mistério do homem e de todas as criaturas deste mundo [...] isto será mostrado em profundidade, com grande simplicidade ...quando os homens contemplarão e desfrutarão da perfeição, e caminharão nos puros, luminosos e profundos conhecimentos de Deus. Por isso, antes, se elevará uma aurora, através da qual o dia poderá ser notado e conhecido.”

Boehme, J. *A aurora nascente*. Capítulo IX. São Paulo: Paulus, 1998.

Com isso, o nível vibratório e a qualidade do campo de força correspondem, em dado momento, a energias idênticas, à energia da luz da vida original! Então o campo de força adquire um raio de ação independente e passa a ser um campo de luz, como Jan van Rijckenborgh explica no livro *A Gnose em sua atual manifestação*.¹

O campo de luz é mais duradouro e incomparavelmente mais forte do que um indivíduo poderia ser sozinho. Juntos, os membros, amigos segundo a luz, mantêm com ela a ligação. Sabeis que a potência e a ininterrupta corrente de força-luz dependem da disposição do grupo em abrir-se sem restrição para as mudanças exigidas pela luz. Os membros do grupo deixam, passo a passo, seus desejos, suas dores, suas tensões e seus conceitos. E, como recompensa, vêem-se livres de ilusões, dores, conceitos e expectativas irrealistas. Assim ganham espaço para o reconhecimento da finalidade da própria vida. Então podem confiar-se ao campo de luz. Assim, a comunidade de almas forma uma nova pátria para os que se tornaram estrangeiros nesta natureza.

INTERCÂMBIO Continuemos nossa analogia entre o homem natural e o homem alma-espírito ou entre a comunidade “unânime” e a comunidade alma-espírito: o caminho para a consciência superior conduz, pela superação do ego inferior, ao renascimento da alma-espírito. Reconhecendo a glória incomparável do núcleo da eternidade, embora ainda latente, o homem consegue abandonar

a personalidade passageira. O grupo trilha o mesmo caminho em direção ao mesmo objetivo, conforme a exigência: “Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo” (Gal 6:2). Nesse esforço comunitário, o grupo, com seus aspectos das duas ordens de natureza, é de valor inestimável, e nos dias atuais ele é até mesmo um auxílio indispensável. Os dois campos mantêm um intercâmbio vivo, mediante o qual o elevado e sereno campo da Gnose, por intermédio dos homens, influencia agora toda a natureza. Isso não só tem importância para a própria comunidade, mas também para toda a humanidade. Por isso é necessário um intercâmbio muito dinâmico entre os membros do grupo e a vida de todos os homens, facilitando-lhes em todos os planos possíveis o acesso ao campo de força.

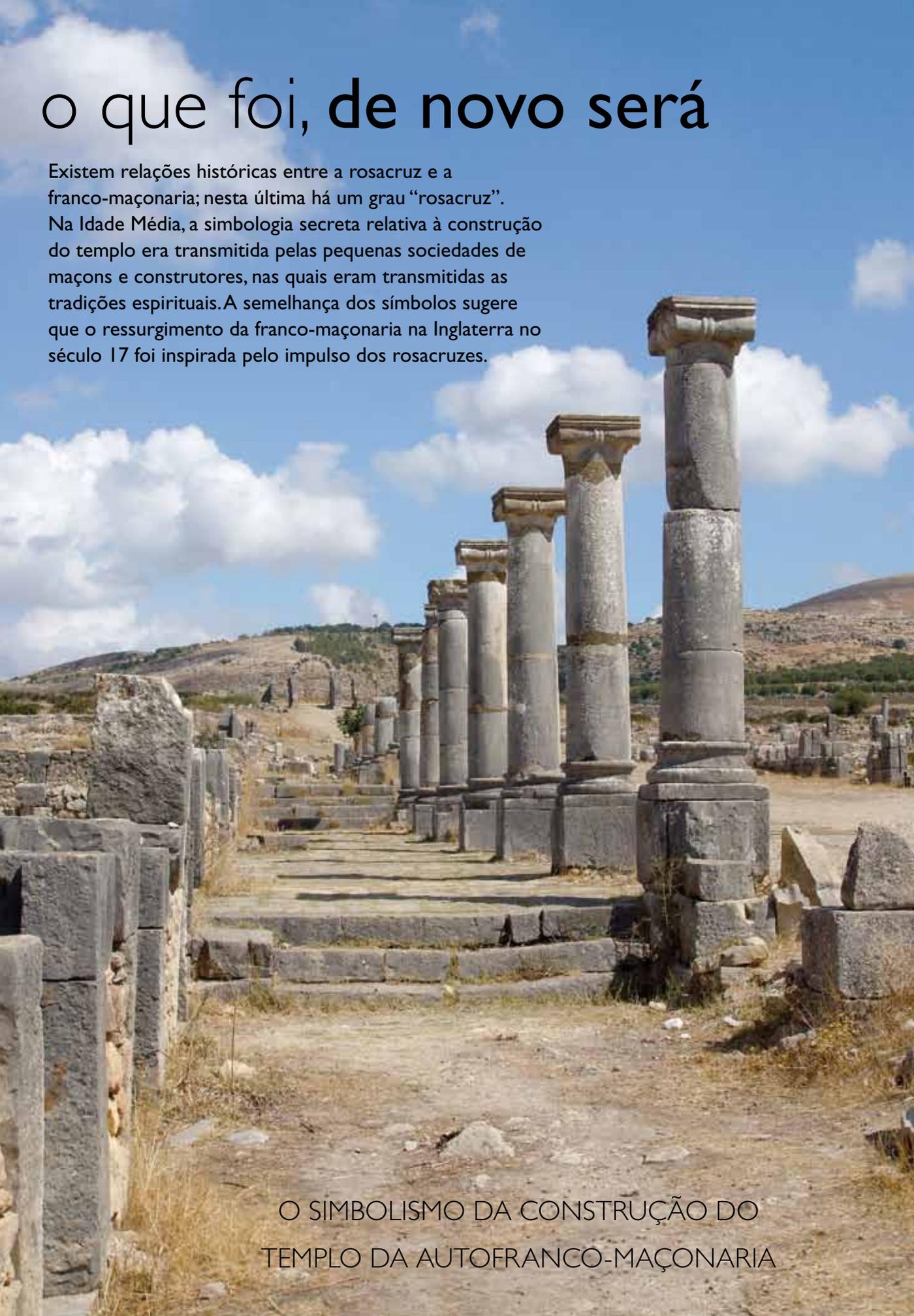
A “colheita para o novo campo de vida”, sobre a qual falamos tanto na Escola Espiritual, não significa o ingresso de um grupo elitista nesse campo, mas a uma formação em conjunto desse novo campo de vida! Às vezes são justamente os mais simples, os que mantêm vivo seu amor irrestrito, que ajudam resolutamente na formação do novo campo de força. Cada um que segue esse caminho reconhece, em quaisquer circunstâncias, seus irmãos e irmãs. A alma-espírito é no mais profundo de seu ser absolutamente una com cada alma. Essa é a glória da grande comunidade de almas, da corrente gnóstica universal ☸

(1) Rijckenborgh, J. van. *A Gnose em sua atual manifestação*.

Jarinu: Editora Rosacruz, 2007, cap. 4.

o que foi, de novo será

Existem relações históricas entre a rosacruz e a franco-maçonaria; nesta última há um grau “rosacruz”. Na Idade Média, a simbologia secreta relativa à construção do templo era transmitida pelas pequenas sociedades de maçons e construtores, nas quais eram transmitidas as tradições espirituais. A semelhança dos símbolos sugere que o ressurgimento da franco-maçonaria na Inglaterra no século 17 foi inspirada pelo impulso dos rosacruzes.



O SIMBOLISMO DA CONSTRUÇÃO DO
TEMPLO DA AUTOFRANCO-MAÇONARIA

Tanto os franco-maçons em suas lojas como os rosacruzistas em seus lugares consagrados e templos tinham em alta estima os símbolos universais, devido a seu elevado valor espiritual. Para compreender um pouco o verdadeiro significado dessas tradições e símbolos, é necessário considerar que eles são também meios de orientação no caminho de iniciação. Nesse sentido, seu contexto histórico é de menor importância.

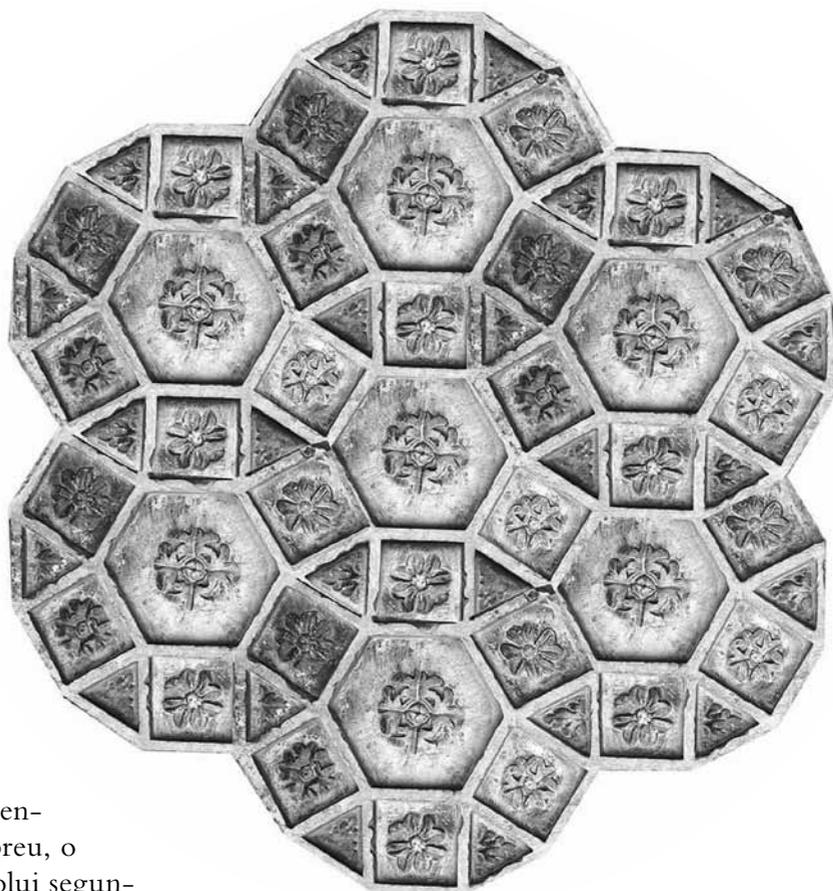
O homem sempre construiu templos. Com frequência, esses templos são a imagem do pequeno mundo do homem, o “microcosmo”, e em vários pontos revelam as analogias e as correspondências com “o grande mundo” de Deus, o macrocosmo. A verdadeira franco-maçoneria tem por objetivo a construção de um novo templo, o templo interior. O relato sobre a construção do templo de Salomão, no primeiro livro de Reis, é um dado importante sobre o caminho de iniciação. Nesse relato, a Arca da Aliança do povo hebreu é depositada outra vez no templo. Esse é um fato muito significativo: realmente, ela deve ser protegida, porque, na linguagem simbólica, ela representa o núcleo central da ligação com Deus. A Arca contém as Tábuas da Lei e os doze pães da proposição, símbolo da lei espiritual escrita no coração, e da força divina também presente no coração. Esses dois elementos constituíam testemunhos tangíveis da ligação do homem com Deus. A tradição esotérica mostra que Salomão construiu seu templo a fim de preservar e reforçar essa ligação interna com Deus.

Também é dito que Salomão edificou seu templo para estabelecer uma ligação com os antigos mistérios herméticos do Egito. Hiram Abiff, mestre-construtor e arquiteto, com quem ele trabalhou em estreita colaboração, era certamente um “egípcio”, um mestre nos mistérios, e construiu o templo dos hebreus segundo o princípio hermético: “assim como é em cima, assim

é embaixo”. Desse modo, o templo é um cosmo vivo, uma entidade vivente, irrompendo de uma semente e da unificação dos dois princípios, como eram os templos de iniciação do Egito.¹ A fonte original dos mistérios encontra-se sempre no “Egito”. Assim, entendemos simbolicamente que o mistério do parentesco entre Deus e o homem é estranho à nossa cultura e ao nosso mundo. É um mistério, e os mistérios não foram inventados pelos homens, eles provêm das esferas divinas que os ofereceram à humanidade.

O relato do rei Salomão, considerado descendente de Abel, e do arquiteto egípcio Hiram Abiff, descendente de Caim, é um dos mitos mais importantes da franco-maçoneria. Abel é o filho de Adão e Eva, enquanto Caim é filho de Seth e Eva. Caim é o filho de Seth, que não é um ser humano, mas um “deus”, um anjo. Hiram, descendente de Seth, tem, por conseguinte, uma relação com o Espírito; é por isso que, na construção do templo de Salomão, aparecem tanto o fogo do Espírito como a corrente-alma da descendência de Abel. Assim, Hiram pode trabalhar verdadeiramente.²

Trata-se da história da fundição, por Hiram Abiff, de uma gigantesca bacia de cobre para recolher a água viva do Deus “Único”. Essa grande bacia redonda repousava sobre doze animais esculpidos. A beleza e a irradiação dessa obra-prima excediam tudo que qualquer outro artesão pudesse fazer. De acordo com o ensinamento do Lectorium Rosicrucianum, essa bacia, ou mar de vidro, representa o campo de força da Fraternidade, ao qual nada se compara. Dois pilares chamados Jaquin e Boaz erguem-se na frente desse mar de vidro da mesma maneira que os dois pilares consagrados a Hórus e Seth na frente dos templos egípcios. Esses pilares eram ornados de símbolos que representam o caminho que a humanidade deve seguir durante seu desenvolvimento. Ora, esse caminho pode



conduzir apenas a um único lugar: a entrada do templo. Existem dois caminhos de desenvolvimento para o homem, por isso falamos de dois campos de força: um campo de força característico deste mundo onde tudo está sujeito ao nascimento, ao crescimento e à morte. O segundo é o da supranatureza, onde tudo está em perpétuo desenvolvimento, onde a morte e o declínio não intervêm. De um lado, vemos a evolução da humanidade propriamente dita (representada pelo povo hebreu, o rei David e o rei Salomão), que evolui segundo estritas regras de moral e animada de uma grande fé: de outro, Hiram Abiff, o construtor, filho de Seth-Hórus e ligado à rainha de Sabá. Quando um indivíduo ou um grupo decide construir “um novo templo” utilizando materiais desta natureza, ele se encontra na mesma situação em que Salomão se encontraria caso apresentasse a um arquiteto aprendiz o plano para a construção de um templo, sendo que esse aprendiz nada sabe construir além de estábulos. Hiram Abiff representa o homem que constrói com a ajuda de uma força procedente de outra natureza. A lenda nos ensina que o ouro destinado à construção do templo foi presenteado pela rainha de Sabá como recompensa pelos serviços prestados por Hiram: o verdadeiro construtor invoca a força divina, o ouro espiritual que torna possível a construção.

Segundo a lenda, uma taça mágica, encontrava-se sob as fundações do templo. Essa taça era um presente da rainha de Sabá e continha “orvalho da primeira manhã”. Trata-se de uma taça cheia de uma força virgem, uma emanção do reino de Deus, graças à qual a construção pode

realizar-se.³ Os rosacruz modernos trabalham com as forças do orvalho, as forças alquímicas da rosa (*rosa* e *ros* em latim).

A Escola da Rosacruz Áurea dispõe de um campo magnético que constitui uma oficina interna, um lugar de trabalho onde é possível construir livremente. A existência de tal oficina interna é de grande importância em nosso mundo onde tudo está sujeito à lei dos princípios opostos. Há dois princípios contrários (o bem e o mal, o dia e a noite, etc.), e nossa consciência é determinada por esses dois aspectos opostos inerentes a todas as coisas.

Mas vejamos alguns exemplos desta dualidade. Em muitos países do mundo, a política é compartilhada entre duas tendências opostas chamadas “esquerda” e “direita”, ou liberalismo e conservadorismo. Em outros países o poder absoluto é oposto por um poder dito revolucionário ou terrorista. As duas faces da moeda persistem. Para contribuir para o “bem” geral, a direita, em nome de antigos valores, trabalha contra o

que chama de “mal”, enquanto a esquerda quer introduzir novos valores.

O desenvolvimento do progresso tecnológico objetivava facilitar as atividades da vida diária em todos os planos e, por conseguinte, para o “bem”; mas parece que, a longo prazo, seria causa, entre outros, de uma degradação de nosso planeta, como o mostra o filme de Al Gore, *Uma verdade inconveniente*, sendo, portanto, algo que provoca o “mal”.

Há quatro séculos, no início da Reforma, em nome do “bem”, a nova Igreja de Lutero e Calvino bem como o humanismo colocaram o machado na raiz da ordem social que se apoiava na velha Igreja. Então, desencadeou-se a Contra-Reforma, que provocou a implacável Guerra de Trinta Anos e devastou os países alemães da época.

O humanismo, com seu idealismo e utopia, inspirou a franco-maçonaria, que deu início aos princípios “dos direitos do homem” e da igualdade entre homem e mulher. A Revolução Francesa foi, entre outros, um de seus resultados. Os movimentos opostos reencontram-se permanentemente no mundo inteiro, combatem-se, cruzam-se, reconhecem-se e unem-se, e um deles sempre ganha ou perde, e tudo se repete e perpetua-se infatigavelmente, tanto no passado como também hoje.

Parece que nos casos graves os mundos do bem e do mal se encontram e acordos são concluídos, onde cada um faz concessões. Os conservadores abrem-se ao humanismo, e o humanista à religião. No que diz respeito ao “mal”, pensam que seria suficiente pô-lo sob pressão para eliminá-lo para que o universo pudesse conhecer outra vez os benefícios da paz. Tais são os raciocínios dos homens e as causas de seus atos aparentemente sem esperança. Então, do espesso nevoeiro que nos cerca faz-se ouvir uma voz que vem do antigo passado da humanidade: “Vaidade de



vaidades! Tudo é vaidade. Que proveito tem o homem de todo o seu trabalho, com que se afadiga debaixo do sol? Uma geração vai, e outra geração vem; mas a terra para sempre permanece [...] Todos os rios correm para o mar, e o mar não se enche [...] O que foi é o que há de ser; e o que se fez, isso se tornará a fazer [...] Também isto é vaidade e correr atrás do vento [...] O que é torto não se pode endireitar”. Quem percebe a desesperança desse girar infinito compreende então esta frase como a solução final: “Trata-se



O templo original já não existe. Todavia, se os jovens construtores encontrarem o modelo cósmico e o seguirem, poderão reerguer seus muros

de ser uma nova criatura”. Seria essa a voz de um pessimista? Não, ela representa o ponto de vista de uma terceira orientação, o mesmo da Rosacruz moderna. “O que foi, de novo será.” Leiamos agora estas palavras com otimismo irradiante, com alegria imensa que, um dia, será compartilhada por todos os povos! No princípio, o homem conheceu um campo de vida que não é aquele onde vivemos atualmente. Era a comunidade dos seres humanos originais. E assim será de novo... Assim como a rainha

de Sabá presenteou o ouro simbólico, a graça e a beleza ao templo de Salomão, também “a metade pura e desconhecida do reino original” oferecerá ao homem riquezas inimagináveis. E a humanidade não precisa fundar essa ordem mundial: ela já existe!

Essa “metade desconhecida do mundo”, da qual testemunha também o Manifesto Rosacruz, a *Fama Fraternitatis* (o *Chamado da Fraternidade*), abre-se a quem se torna uma “nova criatura” e, lá, reinam a Fraternidade Universal e a força do

seu amor. A metade desconhecida do mundo é onipresente, penetra verticalmente o nosso campo de vida tal como a quarta dimensão o faz com relação às três dimensões conhecidas. Anteriormente, em tempos áureos, a humanidade inteira vivia nessa metade desconhecida. Numerosos são os seres humanos que têm a lembrança remanescente dessa pré-existência. É por isso que os enviados profetizam: “Desperta, filhos da luz, pois o que foi outrora, de novo será!”

E o caminho da verdadeira vida, o caminho de retorno está sendo revelado. E o teólogo que vê esse caminho sente vergonha: não teria enganado seu rebanho com vagas promessas? Não o teria enganado com falsas aparências? Não teria ele incessantemente desviado e mutilado a linguagem da escritura sagrada? E o humanista que, por fim, vê esse caminho sente vergonha, pois que valor têm seus ideais frente à realidade do reino original?

Mas o teólogo que tomou consciência de seu erro é grato porque procurou Deus e o encontrou dentro de si. E a alegria do humanista convertido é ardente, pois ele não interrompeu seus esforços; ele procurou o grande amor e o encontrou.

DUALIDADES Reconhecemos, portanto, duas espécies de dualidade: de um lado, a dualidade de nosso mundo fechado, a dualidade “do bem e do mal”; e do outro, a dualidade fundamental entre “a metade conhecida do mundo” e “a metade desconhecida”, o reino original de onde procede o homem-espírito e que trazemos no mais profundo de nosso ser. É-nos possível retornar à metade desconhecida do mundo graças à nobre arte mágica, a arte real da construção pelo renascimento, o processo de transmutação da estrutura de todos os aspectos humanos: a via da autofranco-maçoneria ☉

(1) Os fundamentos dos templos egípcios apóiam-se numa estrutura escondida em suas fundações segundo explicado em detalhes em *O templo no homem*, de Schwaller de Lubicz.

(2) Os filhos Abel são chamados “filhos da água”, enquanto os filhos de Caim são “filhos do fogo”. Em *Summum Bonum* (o Bem supremo) de Robert Fludd, as duas correntes juntam-se quando se fala da pedra angular fundamental: “Edifica-te a ti mesmo sobre a pedra angular de Cristo, como um templo espiritual feito de pedras vivas.” Michael Maier liga também Hiram Abiff e Cristo em *Septimana Philosophica*.

(3) Esta taça precede a taça da Santa Ceia, a taça do Graal.



Na Escola Espiritual da Rosacruz, distinguimos a natureza da morte e a natureza da vida. Devemos fazer isso porque devemos estar atentos à situação real, porque devemos ensinar-vos a sair do lado do fogo e ir para o lado da luz. Deveis primeiro imergir na luz para, depois, a partir dela, a serviço do mundo e da humanidade, transformar o fogo em luz. Em essência, porém, apenas existe uma natureza, um único reino. Como homens-alma não podemos provocar separação interiormente. Fundamentados na prática, para delimitação do nosso caminho, para determinação mais precisa do nosso objetivo, devemos realmente fazer a distinção e dizer: "Voltemo-nos para a luz!" Mas, assim que conseguirmos elevar-nos na luz, assumiremos imediatamente a maravilhosa tarefa de servir a humanidade com todas as conseqüências...

...Todo o Universo, onde Espírito, alma e corpo existem em unidade, está pleno de consciência anímica e espiritual. Todo esse conjunto é uma unidade de grupo, o que significa que a consciência de cada alma também é uma consciência onipresente. Por isso o microcosmo renascido é onipresente, oniabarcante. Partindo desse ponto de vista, considerai que não há ninguém que mais compreenda, mais abarque, que nada existe que seja mais rápido e mais poderoso do que quem venceu a natureza da morte; que a alma-espírito renascida é mais inteligente, mais rápida, mais poderosa do que tudo.

Rijckenborgh, J. van. *A Gnose original egípcia*, tomo I. Editora Rosacruz, 2006, cap. 30.

Se, na manifestação universal considerada de modo hermético, Deus e a criatura são um único ser, compreendemos por que a Rosacruz Áurea insiste na unidade de grupo. Quando percebemos que o campo do Espírito, o campo da alma e o campo da substância original são totalmente inseparáveis, percebemos clara e imediatamente que, à luz da Gnose, a existência individual, separada, é um absurdo.

Porém, a unidade de grupo em si mesma não é um objetivo. Ela deve emanar de uma atitude sensível que impele cada um à união com tudo que vive. Bem compreendida, ela deve incitar-nos a olhar na face deste mundo, mesmo que estejamos em busca do Espírito. A unidade de grupo não significa estar a caminho das pretensas esferas superiores a fim de escapar do mundo porque não ousamos afrontar a realidade do caminho nem arcar com suas conseqüências. Da primeira à última letra compreendemos, no grupo unido no Espírito, qual é nossa verdadeira tarefa neste mundo, tarefa que exige tanta força e amor, que qualquer interesse por viver nas altas esferas mais atrapalha do que ajuda. Porque a realidade suprema é o serviço a todos: o amor que serve. Essa compreensão é própria da alma que aprendeu a amar.

J. van Rijckenborgh

